

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Abril/2016 – Nº 35





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



BOLETIM DE ECONOMIA RURAL Nº 35

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Luis Augusto Araujo
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Laertes Rebelo (Epagri/GMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

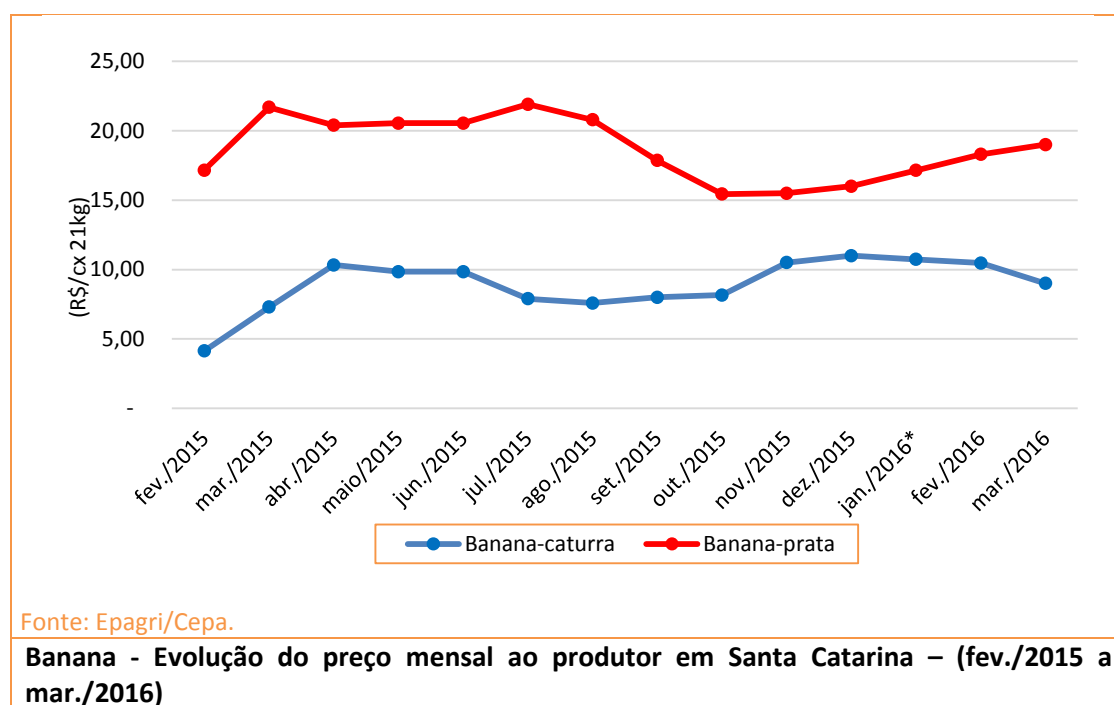
Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	16
Soja	19
Trigo.....	22
Produtos vegetais	26
Fumo.....	26
Pecuária	29
Avicultura.....	29
Bovinocultura	33
Suinocultura.....	36
Leite	40

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Desde janeiro de 2016 a cotação do preço mensal da banana-caturra estava com tendência de queda, com diminuição de 14% entre fevereiro e março. Há expectativa de diminuição na produção no mês de abril, o que pode ocasionar valorização nas cotações da variedade. No comparativo com março de 2015, os preços atuais estão 23% acima dos negociados na safra passada.

Os preços mensais da banana-prata apresentam tendência de aumento com valorização de 6,7% e 3,9% entre os meses de janeiro e fevereiro e fevereiro e março, respectivamente. Contudo, analisando os preços mensais para o mês de março, entre 2015 e 2016, houve desvalorização de 12,4%.

Na lavoura há muitas plantas em floração e, com isso, os produtores estão esperando aumento da produção a partir do segundo semestre. No litoral norte o controle da Sigatoka já foi feito e as frutas estão com calibre e qualidade adequadas ao mercado. No litoral sul os produtores já iniciaram tratamentos culturais e manejo na roça, preparando os bananais para o aumento da umidade prevista para os próximos meses.

Banana - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina - (R\$/cx 20 a 22kg)

Praça	Data		Variação (%)
	4/3/15	1/4/15	
Jaraguá do Sul			
Caturra	s/inf.	s/inf.	-
Prata	s/inf.	s/inf.	-
Sul Catarinense			
Caturra	9,00	10,00	11,1
Prata	18,00	21,00	21,0

Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Preço médio no atacado nas principais praças de Santa Catarina - (R\$/cx 18 a 20kg)

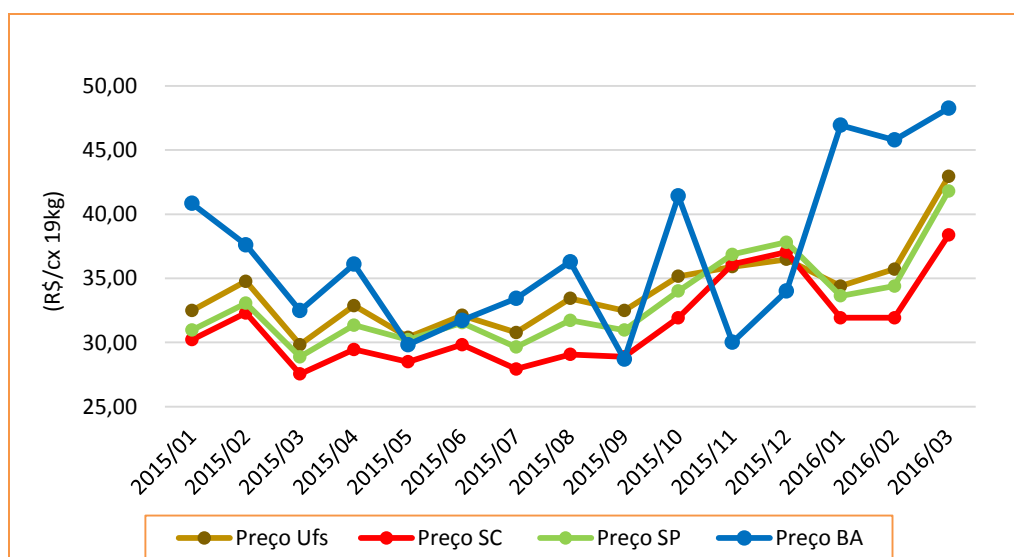
Praça	Data		Variação(%)
	4/3/15	1/4/15	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	20,00	22,00	10,0
Prata	30,00	35,00	16,7
Jaraguá do Sul			
Caturra	s/inf.	s/inf.	-
Prata	s/inf.	s/inf.	-
Sul Catarinense			
Caturra	21,00	20,00	-4,8
Prata	30,00	29,00	-3,3

Fonte: Epagri/Cepa.

Na praça de Jaraguá do Sul, no período analisado, o preço médio ao produtor para a caturra volta a se recuperar e o da prata mantém valorização. No litoral norte de SC a oferta da banana-caturra diminuiu com valorização nos preços.

No sul catarinense, o preço da banana-prata e da banana-caturra seguem valorizados, confirmando a expectativa de aumento no preço na lavoura, devido ao ganho de qualidade nas frutas com os tratamentos culturais.

No atacado, o preço na Ceasa-SC valoriza-se para as duas variedades com a melhoria na qualidade da fruta. Na praça de Jaraguá do Sul, o mercado aquece com aumento na demanda das centrais de abastecimento. No sul, a banana-caturra e a banana-prata estão com cotações menores devido ao aumento na oferta da fruta na região.



Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – Total das UFs e principais Estados

Na Ceagesp a tendência é de aumento nos preços médios negociados, pois a oferta das frutas no mercado nacional está baixa. As chuvas do início do ano no Vale do Ribeira e em Bom Jesus da Lapa provocaram a diminuição no volume ofertado atual com valorização nos preços da banana nos entrepostos. Em Santa Catarina, que tem oferta normal, os preços seguem abaixo das outras regiões produtoras. Mas nos três primeiros meses de 2016 a participação catarinense representou 5% do volume total negociado, com 850 toneladas, representando mais que o dobro negociado no mesmo período de 2015 (360t). Em 2015, o estado de Santa Catarina participou com 4,8% do volume negociado, ou seja, 3.607 toneladas das 74.875 toneladas totais.

Banana - Preço médio ao produtor nas principais praças do Brasil - (R\$/cx 21kg)⁽¹⁾

Praça	Data		Variação(%)
	4/3/15	8/4/15	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	18,90	22,68	20,0
Prata	49,56	50,61	2,1
Norte de Minas Gerais			
Nanica	18,90	16,80	-11,1
Prata	52,50	52,50	-
Vale do Ribeira			
Nanica	22,89	23,31	1,8
Prata	38,43	43,89	14,2
Vale São Francisco			
Nanica
Prata	44,10	48,93	11,0

⁽¹⁾Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21kg.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de Cepea/Esalq/USP.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 em relação à safra 2015

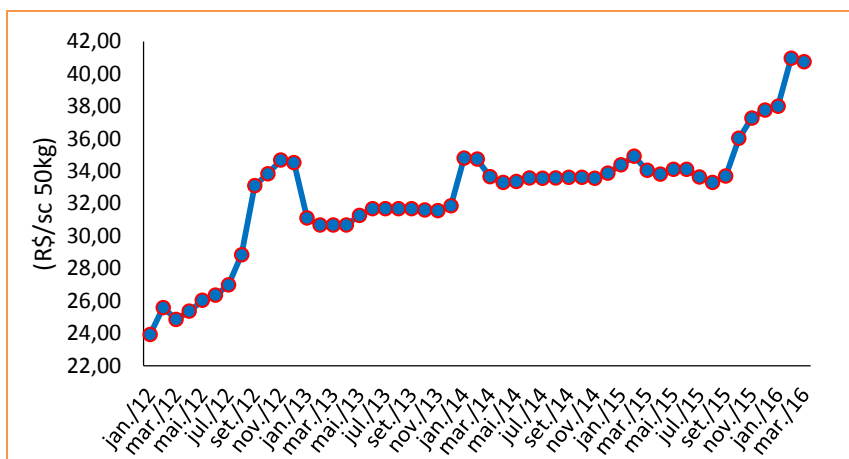
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra anterior – 2014/15			Estimativa inicial – 2015/16			Estimativa atual – 2015/16			Var. safra atual/ safra anterior (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Qtde. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.464	131.962	29.561	4.254	159.806	37.564	4.254	159.806	37.564	- 5	21	27
Itajaí	3.941	112.443	28.532	3.925	122.900	31.310	3.925	122.900	31.310	0	9	10
Joinville	13.554	377.730	27.869	12.714	354.311	27.869	12.714	354.311	27.869	-6	- 6	0
Araranguá	4.965	45.940	9.253	5.094	51.315	10.073	5.094	51.315	10.073	3	12	9
Criciúma	1.458	20.564	14.104	1.379	23.649	17.146	1.379	23.649	17.146	- 5	15	22
Tubarão	161	1.919	11.919	73	695	9.525	73	695	9.525	- 55	- 64	- 20
Outras	1.008	19.213	19.061	1.120	32.643	29.148	1.120	32.643	29.148	11	70	53
Total	29.551	709.771	24.019	28.487	735.323	25.812	28.487	735.323	25.812	- 4	4	7

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE março de 2016 e Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal em Santa Catarina - (jan./2012 a jan./2016)

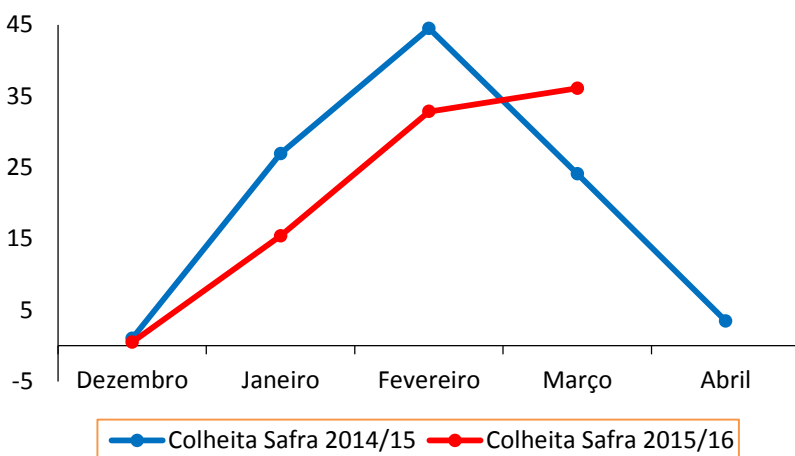
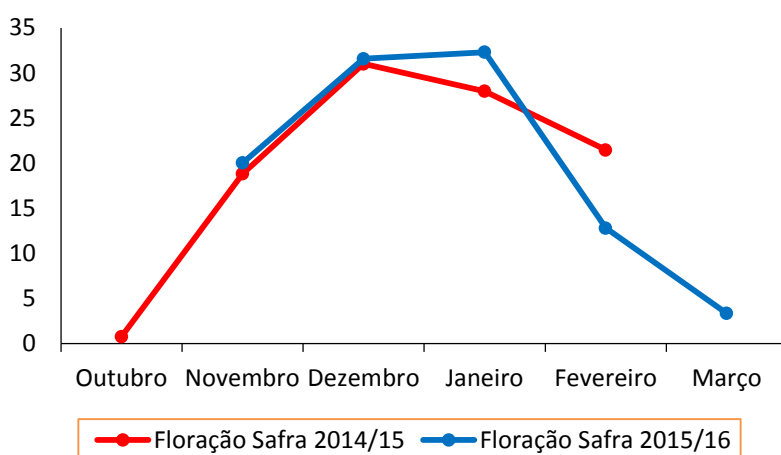
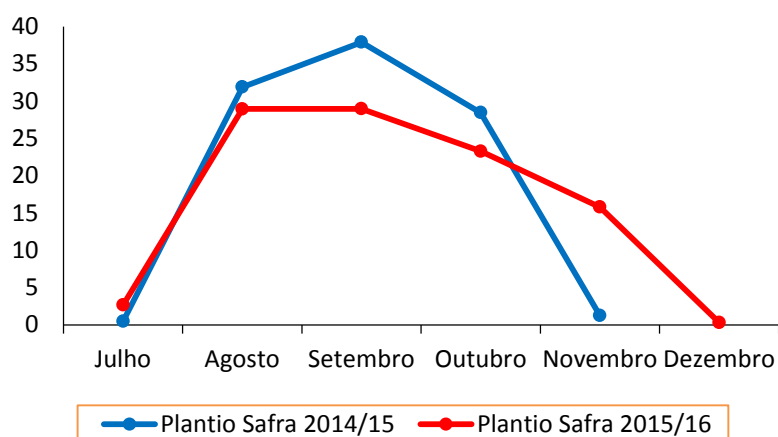
Os preços médios mensais ao produtor de Santa Catarina em março de 2016 foram cerca de 20% maiores em relação ao mesmo mês de 2015 e 0,54% menores em relação a fevereiro de 2016. O decréscimo dos preços em março era esperado pelo padrão de comportamento sazonal dos preços. Embora os preços tenham se valorizado nos últimos meses em função do atraso da colheita em algumas regiões produtoras, potenciais perdas decorrentes do excesso de chuvas no período de plantio e redução da produtividade pela ocorrência de pragas e doenças, principalmente a brusone, devem ocorrer. Assim, o aumento dos custos de produção não deve permitir aumento da margem de ganho dos produtores.

Arroz Irrigado – Santa Catarina – Custo de produção, preço médio e margem (R\$) – 2013/14 a 2015/16

safr	Preço médio	Custo variável	Custo total	Margem (curto prazo)	Margem final
2013/14	33,65	22,46	36,81	11,19	-3,16
2014/15	34,04	33,82	40,68	0,22	-6,64
2015/16	40,74	37,41	44,63	3,33	-3,89

Fonte: Epagri/Cepa.

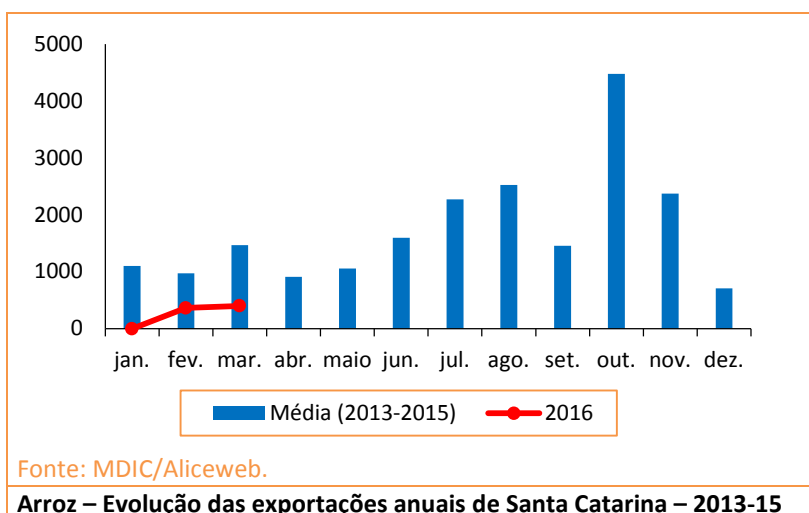
A comparação entre o custo de produção e os preços médios praticados no estado mostra que no curto prazo o produtor permanece na atividade, pois consegue cobrir os custos variáveis de produção. No longo prazo, porém, o produtor opera no prejuízo e não tem incentivos a permanecer no mercado. A consequência é a saída de produtores pequenos do mercado. Embora esse cenário pareça pessimista, o produtor mais eficiente técnica e economicamente tende a ser beneficiado no longo prazo, quando haverá concentração da produção e tendência de que o preço se valorize. Entre os aspectos a serem observados pelo produtor para permanecer no mercado estão a melhoria da gestão da propriedade, o uso eficiente dos recursos produtivos e o acesso a novos mercados.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz – Comparativo das fases fenológicas da cultura nas safras 2014/15 e 2015/16

Como era esperado, a evolução da colheita do arroz apresentou diversos atrasos em relação à safra anterior devido à ocorrência de adversidades climáticas. No período de plantio o ano foi marcado por atrasos ocasionados pelo excesso de chuvas entre os meses de setembro e outubro nas principais regiões produtoras, o que, além de atrapalhar a evolução do plantio, resultou em necessidade de replantio em muitas áreas e culminou no atraso da floração e colheita. Observa-se claramente que entre setembro e outubro, o plantio evoluiu cerca de 10% menos em relação ao ano-safra anterior. Isso resultou em avanço dessa fase nos meses de novembro e dezembro. Até o final do mês de março cerca de 84% da área plantada já foi colhida no estado, cerca de 9% menor em relação ao mesmo período do ano-safra anterior. Esse atraso tem reflexos diretos nos preços internos, haja vista que é observada menor oferta do grão em um período em que já era esperado maior volume disponível no mercado. O resultado são preços elevados em relação à última safra.



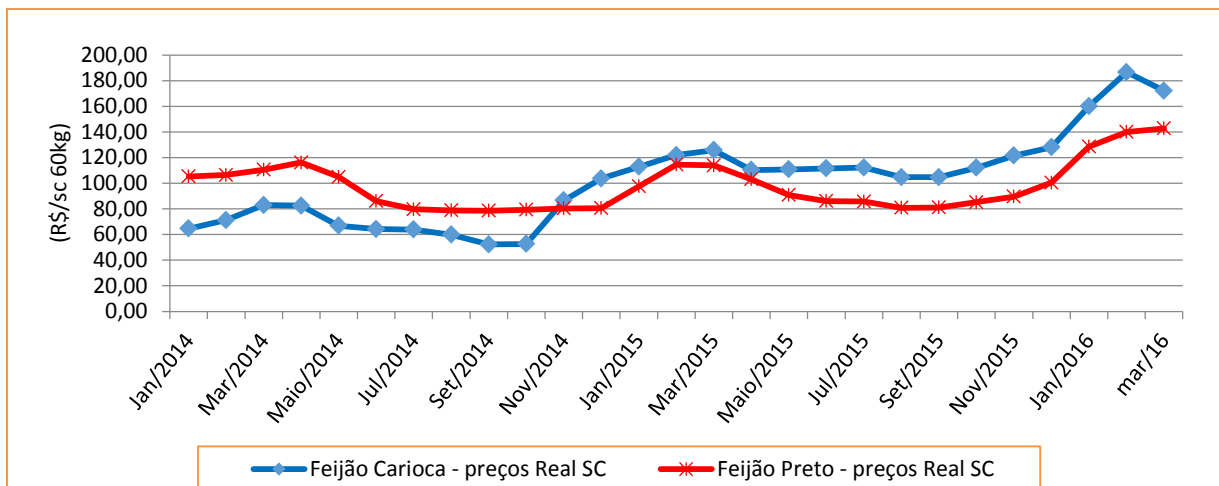
As exportações apresentaram pouca expressividade, o que é comportamento típico do estado. Em 2015, as exportações de arroz totalizaram US\$4,10 milhões. Observa-se nos três primeiros meses de 2016 que as exportações totalizaram 766 toneladas, volume inferior à média dos últimos três anos. O mercado interno aquecido e as incertezas quanto à oferta são os principais fatores que influenciaram a redução das exportações nesse início de ano.

Arroz Irrigado – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16									
Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa inicial Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	147.446	1.088.521	7.383	-0,46	0,12	0,58
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.978	7.061	-0,50	1,03	1,53
Tubarão	21.268	153.816	7.232	20.911	149.118	7.131	-1,68	-3,05	-1,40
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.773	145.947	7.026	-0,46	-2,53	-2,08
Joinville	19.811	157.487	7.949	19.736	166.576	8.440	-0,38	5,77	6,17
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.792	87.257	8.085	-0,06	-1,92	-1,87
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.261	68.561	7.403	-0,24	-3,95	-3,73
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.379	67.138	8.013	1,75	2,34	0,59
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	3.095	17.336	5.601	-0,48	0,00	0,48
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	259	2.072	8.000	259	2.072	8.000	0,00	0,00	0,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços reais, corrigidos pelo IGP-DI – mar./2016 base 100.
Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio real mensal da saca de 60kg do feijão carioca e preto – Santa Catarina (jan./2014 a mar./2016)

O preço ao produtor do feijão carioca e do feijão-preto tiveram comportamento diferente no último mês. Nas principais praças catarinenses, o feijão carioca apresentou queda de 7,7%, enquanto o feijão-preto se comportou com elevação de 2%. Essa queda no preço do feijão carioca se dá em função de que já começa a entrar feijão desta safra e, com produto novo no mercado, os preços começam a se ajustar à lei de oferta e demanda. Já no mercado atacadista, na Bolsinha de São Paulo, o feijão carioca comercial recém-colhido proveniente de Santa Catarina foi comercializado na última semana com preços que variam de R\$210,00 a R\$220,00 a saca de 60kg, podendo chegar a R\$245,00 a saca do feijão extra (nota 9). Nas regiões produtoras do estado, o mercado está bastante ativo: os produtores não estão tendo dificuldades na comercialização de sua produção e a tendência para o restante do mês é que o mercado se mantenha firme e com perspectiva de alta nos preços recebidos.

Feijão – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores – feijão carioca (R\$/sc 60kg)

Estado	Preço fev./16	Preço mar./16	Varição mensal (%)
Santa Catarina	186,67	172,14	-7,78
Paraná	186,63	185,44	-0,64
Minas Gerais	203,48	218,33	7,30
São Paulo	170,27	175,10	2,84
Bahia	193,75	203,75	5,16
Goiás	209,77	201,80	-3,80

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Na comparação entre os meses de fevereiro e março, o preço do feijão carioca teve uma variação positiva em praticamente todos os principais estados produtores. Para Santa Catarina, diferentemente do mês de fevereiro, quando ocorreu um aumento significativo nos preços feijão carioca, no mês de março houve uma queda de 7,7% no preço do produto, comportamento baixista observado também no estado do Paraná e de Goiás. Destaque para Minas Gerais, que em março teve um aumento do preço de 7,3%. Cabe ressaltar que esses preços refletem produtos de menor qualidade, com notas abaixo de 8.

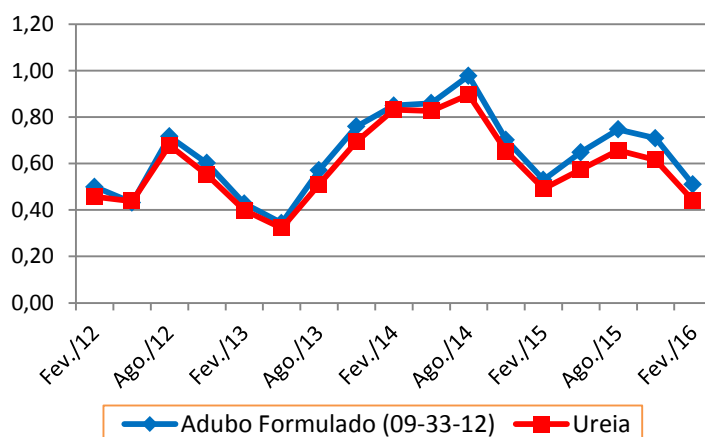
Feijão – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores – feijão-preto (R\$/sc 60kg)

Estado	Preço fev./16	Preço mar./16	Varição mensal (%)
Santa Catarina	140,01	142,81	2,00
Espírito Santo	157,50	160,00	1,59
Goiás	170,63	166,56	-2,39
Paraná	151,86	146,76	-3,36
Rio de Janeiro	179,20	185,00	3,24
Rio G. do Sul	149,08	156,01	4,65

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

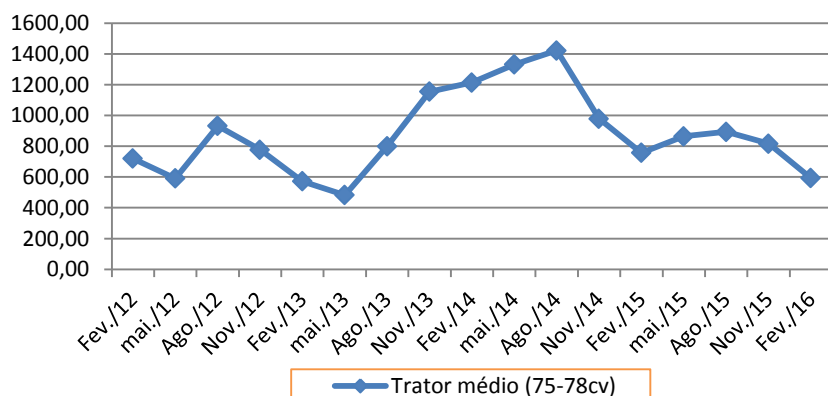
Os preços do feijão-preto, em Santa Catarina, subiram em média 2,0% entre fevereiro e março, já no Rio Grande do Sul, subiram em média 4,6%. No estado vizinho, o Paraná, o feijão-preto, no mesmo período, teve queda de 3,3%.

No gráfico ao lado, podemos observar a relação de troca entre o preço recebido pelos produtores pela saca de 60kg de feijão carioca e dois importantes insumos que compõem o custo de produção da cultura. Em fevereiro de 2014, para adquirir uma saca do adubo formulado (09-33-12), o produtor teve que desembolsar o equivalente a 0,85 saca de feijão; já em fevereiro de 2016, a mesma saca de adubo custou o equivalente a 0,51 saca de feijão. Já a ureia, um fertilizante nitrogenado, em fevereiro de 2014, a saca do adubo custou o equivalente a 0,83 saca de feijão, enquanto em fevereiro de 2016 a mesma saca custou 0,44 saca de feijão carioca.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Equivalência de preços entre feijão e os principais insumos (fev./2012 a fev./2016)



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Equivalência de preços entre feijão e os principais insumos (fev./2012 a fev./2016)

A equivalência de troca entre a saca de feijão e um trator médio (75 a 78cv) em fevereiro de 2014, foi de 1.213,60 sacas de 60kg de feijão carioca. O mesmo trator em fevereiro de 2016 poderia ser adquirido por 592,42 sacas de feijão carioca, uma diferença de 621,18 sacas.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2014/15 e 2015/16

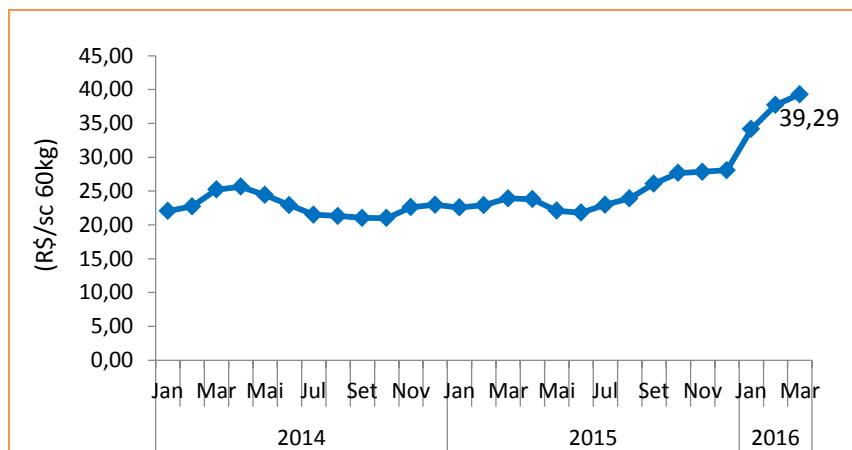
Microrregião	Safra 2014/2015			Estimativa Safra 2015/2016			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	122,00	125,80	1.031,15	150,00	145,50	970,00	22,95	15,66	-5,93
Blumenau	169,00	164,00	970,41	164,00	164,00	1.000,00	-2,96	0,00	3,05
Campos de Lages	9.970,00	19.015,00	1.907,22	9.420,00	19.541,00	2.010,39	-5,52	2,77	5,41
Canoinhas	6.200,00	10.605,00	1.710,48	5.570,00	8.452,00	1.517,41	-10,16	-20,30	-11,29
Chapecó	2.358,00	3.730,00	1.581,85	1.921,00	3.217,55	1.674,93	-18,53	-13,74	5,88
Concórdia	591,00	606,00	1.025,38	511,00	522,00	1.021,53	-13,54	-13,86	-0,38
Criciúma	625,00	733,40	1.173,44	354,00	464,34	1.311,69	-43,36	-36,69	11,78
Curitibanos	17.185,00	34.365,00	1.999,71	15.140,00	29.121,00	1.923,45	-11,90	-15,26	-3,81
Florianópolis	140,00	185,00	1.321,43	140,00	185,00	1.321,43	0,00	0,00	0,00
Itajaí	12,00	14,00	1.166,67	12,00	8,00	666,67	0,00	-42,86	-42,86
Ituporanga	975,00	1.742,00	1.786,67	480,00	376,00	783,33	-50,77	-78,42	-56,16
Joaçaba	4.880,00	7.567,50	1.550,72	4.440,00	7.378,50	1.661,82	-9,02	-2,50	7,16
Joinville	14,00	10,00	714,29	14,00	10,00	714,29	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	744,00	1.085,00	1.458,33	620,00	444,00	716,13	-16,67	-59,08	-50,89
São Bento do Sul	500,00	525,00	1.050,00	430,00	540,00	1.255,81	-14,00	2,86	19,60
São Miguel do Oeste	1.683,00	3.393,76	2.016,49	897,00	932,40	1.039,46	-46,70	-72,53	-48,45
Tabuleiro	490,00	553,00	1.128,57	485,00	544,00	1.121,65	-1,02	-1,63	-0,61
Tijucas	304,00	438,00	1.440,79	264,00	213,00	1.157,61	-13,16	-51,37	-19,65
Tubarão	1.153,00	1.310,00	1.136,17	999,00	1.351,91	1.353,26	-13,36	3,20	19,11
Xanxerê	2.290,00	4.829,00	2.108,73	4.930,00	10.777,50	2.186,11	115,28	123,18	3,67
Santa Catarina	50.405,00	90.996,46	1.805,31	46.941,00	84.387,70	1.789,35	-6,87	-7,26	-0,88

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (março/2016).

O feijão 1ª safra está com a colheita encerrada em praticamente todo o Estado. Em regiões importantes como Joaçaba, já foram colhidos cerca de 70% da área plantada. Em Curitibanos, o ritmo da colheita é um pouco mais lento e o feijão colhido só atingiu 30% da área plantada. Já na microrregião de Canoinhas, estima-se que 76% da área plantada já esteja colhida. As estimativas atuais apontam para um redução da área plantada no Estado de aproximadamente 6%, enquanto na produção a redução pode chegar a 5,6%. Apesar das chuvas prejudicarem a cultura em algumas microrregiões do Estado, sobretudo no início dos plantios e depois na colheita, a redução no rendimento não vem ocorrendo segundo nossas estimativas. Haverá um modesto aumento de 0,4% na produtividade, seguindo uma tendência histórica no comportamento da cultura ao longo dos últimos anos. Para o feijão 2ª safra, em praticamente todas as microrregiões do Estado já encerraram o plantio. Araranguá, Criciúma e Tubarão então um pouco atrasados com cerca de 50% da área ainda a ser plantada. Com relação a estimativas de área, produção e rendimento para a 2ª safra de feijão no estado, esperamos concluir os levantamos no próximo mês.

Milho

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

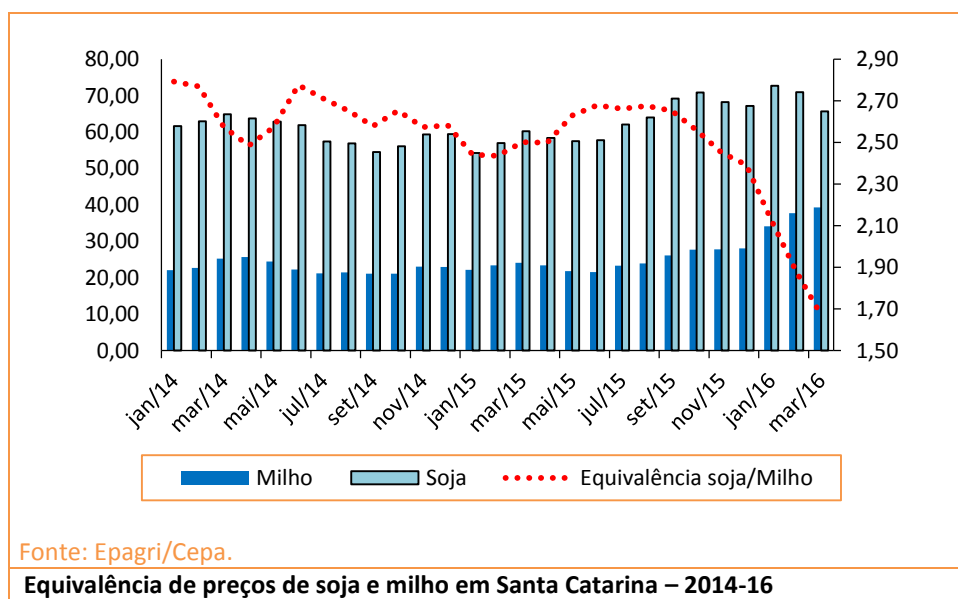


Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina – 2014-16

Os preços médios mensais de milho em Santa Catarina tem apresentado o comportamento crescente desde outubro de 2015. O comportamento dos preços em março seguiu o padrão esperado de crescimento para essa época do ano, fechando em R\$39,29. Contudo, em relação ao mesmo período do ano anterior, os preços ficaram cerca de 64% acima.

A valorização do dólar, que levou o produtor a direcionar o produto para o mercado externo, e a procura crescente dos produtores de proteína animal e fábricas de ração resultaram em preços elevados para o milho Estado. Apesar dessa valorização persistir desde o ano passado, o avanço da colheita do milho no Estado e os relatórios apontando para aumento da área dos principais produtores mundiais do grão, exercem pressão baixista nos preços nos próximos meses.

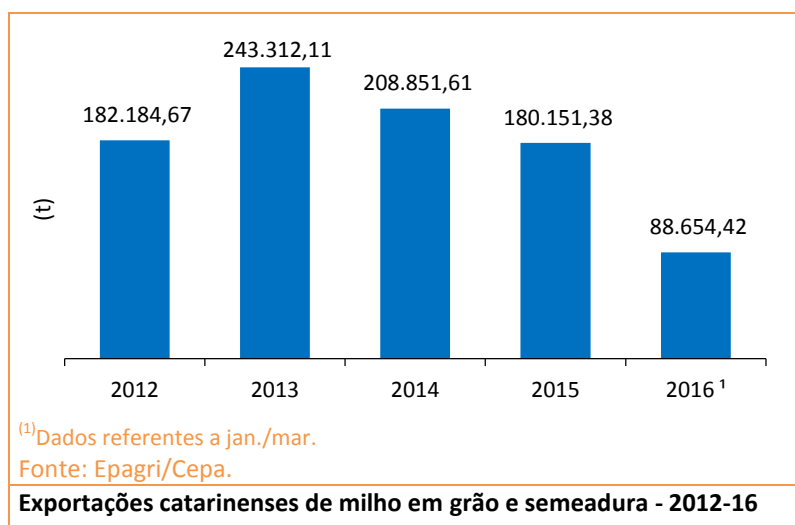


Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina – 2014-16

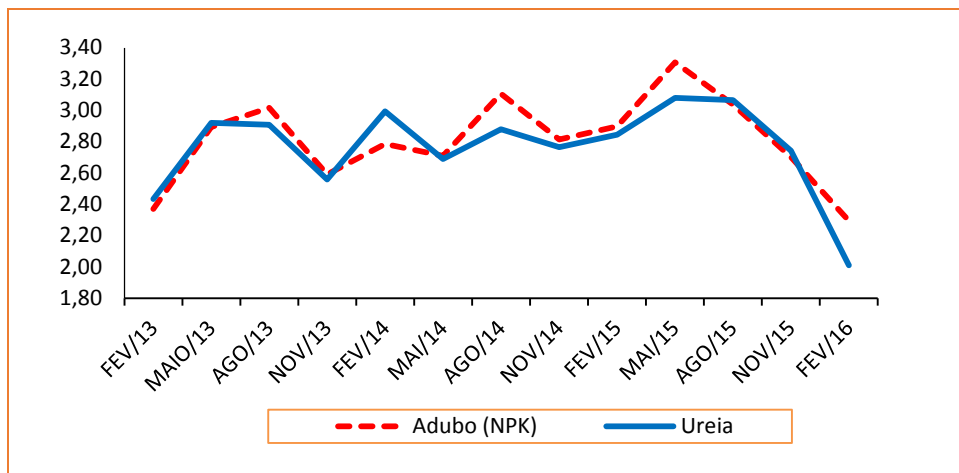
Entre as consequências da alta do preço do milho e a redução do preço da soja está a alteração no padrão de comportamento da equivalência de preços dos dois produtos. No mês de março o preço do milho (R\$/sc 60kg) aumentou cerca de 4%, enquanto o preço da saca de soja (R\$/sc 60kg) diminuiu cerca de 7%. Em consequência, a equivalência de preços entre os dois grãos tem se mostrado favorável ao produtor de milho desde janeiro deste ano. Apesar disso, pelo fato de a soja ter maior liquidez em relação ao milho e o comportamento dos preços do milho não se mostrar duradouro ao longo do tempo, o avanço da soja sobre as áreas de milho deve continuar sendo observado. No entanto, pelo bom momento vivido pelo produtor de milho, é possível que para a próxima safra a conversão de áreas não seja tão significativa como nas duas últimas safras, se mantida essa relação de troca favorável ao produtor de milho.

Como esperado, em função do comportamento do dólar e dos preços externos do milho, as exportações catarinenses nos últimos meses foram superiores à média histórica. De janeiro a março de 2016, Santa Catarina exportou cerca de 88 mil toneladas, perfazendo um total de 14 milhões de US\$ FOB. A tendência é que as exportações de 2016 superem o total de 2015. Para os próximos meses, contudo, o volume exportado deve reduzir em relação ao observado nos meses anteriores, haja vista que os preços internos estão atrativos e a indústria tem feito pressão para a permanência do grão no Estado.


Milho 1ª safra – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16

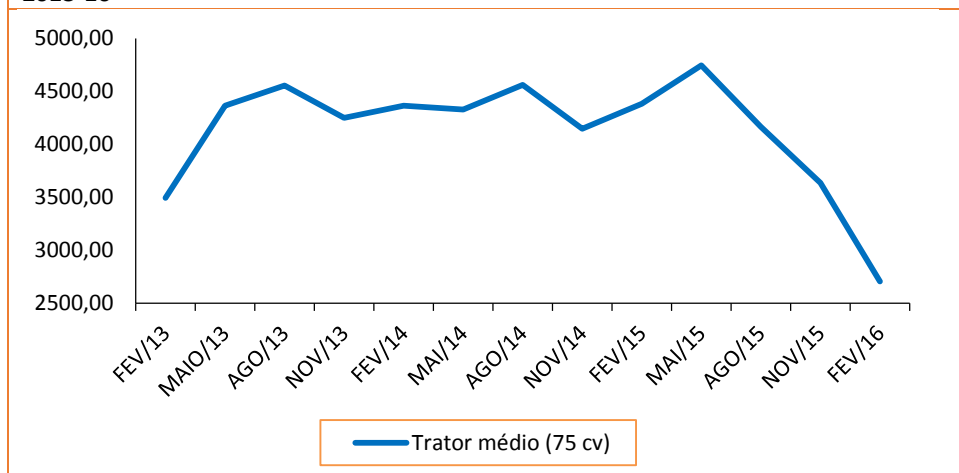
Microrregião	Safra 2014/15 (1ª safra)			Estimativa atual Safra 2015/16 (1ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	404.577	3.142.248	7.767	365.982	2.859.716	7.814	-9,54	-8,99	0,61
Chapecó	62.565	488.926	7.815	61.090	482.030	7.890	-2,36	-1,41	0,97
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.242	465.518	8.427	-12,14	-12,35	-0,24
São Miguel do Oeste	46.900	333.070	7.102	39.050	302.220	7.739	-16,74	-9,26	8,98
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.500	233.622	6.581	0,00	0,00	0,00
Concórdia	33.750	232.006	6.874	32.190	223.074	6.930	-4,62	-3,85	0,81
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	278.260	9.123	-21,79	-24,24	-3,13
Xanxerê	31.150	286.662	9.203	27.610	325.278	11.781	-11,36	13,47	28,02
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	22.151	217.198	9.805	-18,74	-19,66	-1,14
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.882	5.752	-14,95	-20,91	-7,00
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	32.056	3.180	-11,50	-59,67	-54,43
Araranguá	6.079	33.365	5.488	7.123	37.682	5.290	17,17	12,94	-3,61
Criciúma	6.417	37.920	5.909	6.830	41.279	6.044	6,44	8,86	2,28
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	46.900	8.527	-8,33	-8,20	0,14
Tubarão	4.540	24.650	5.430	5.385	31.521	5.853	18,61	27,87	7,81
Outros	8.281	31.196	3.767	8.281	31.196	3.767	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para compra de fertilizantes – 2013-16



Fonte: Epagri/Cepa.

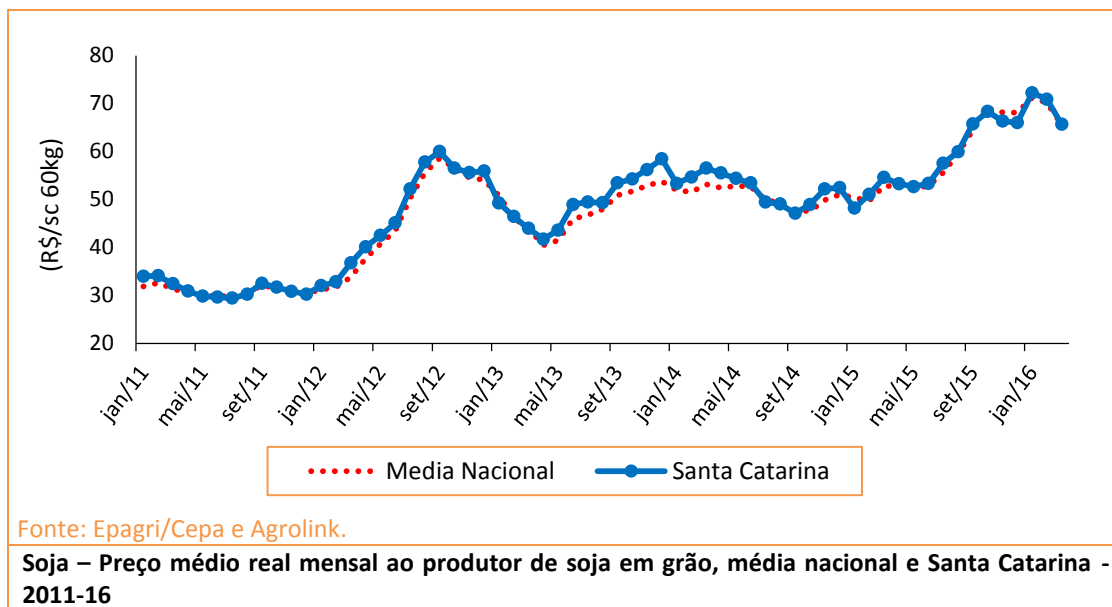
Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para comprar um trator médio – 2013-16

A aquisição de fertilizantes por parte dos produtores de milho ficou mais barata em fevereiro de 2016, sendo necessárias cerca de 2,29 sc de 60kg de milho para adquirir 50kg de Adubo NPK e 2,01 sc de milho para adquirir 50kg de Ureia.

Para adquirir um trator médio, em fevereiro de 2016, foram necessários aproximadamente 2.704sc 60kg de milho. A alta observada no preço da saca de milho nos últimos meses tem favorecido o produtor e tornado a equivalência de preços menor.

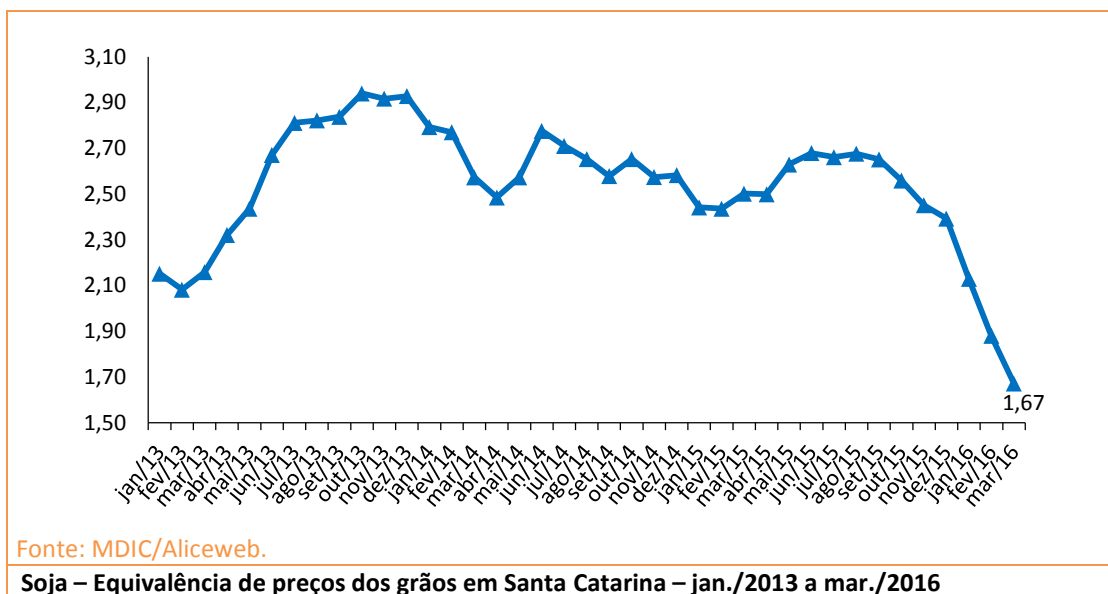
Soja

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



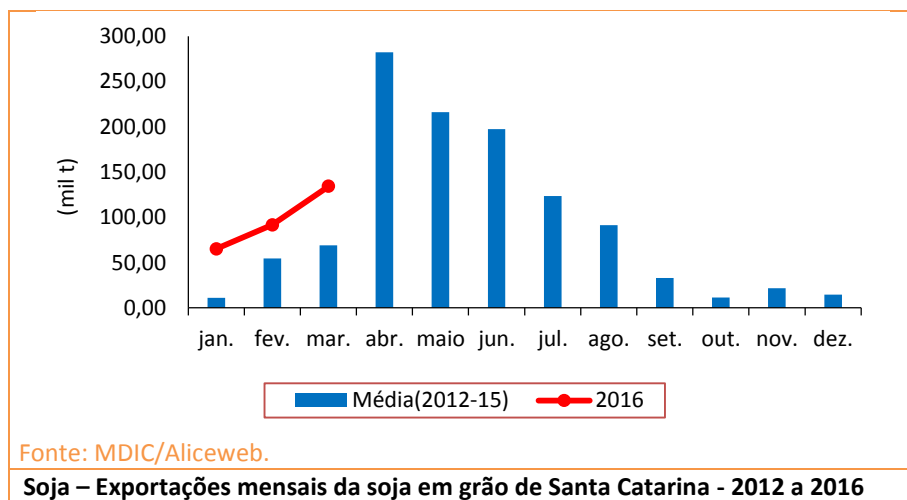
O preço médio mensal de soja apresentou comportamento crescente até dezembro de 2015, passando a decrescer nos últimos meses. Com o decréscimo do preço da soja e a valorização do preço do milho, este se tornou temporariamente mais atrativo em relação à soja. Contudo, em relação ao mesmo período de 2015, o preço da soja aumentou cerca de 28%, em termos reais. Assim como no caso do milho, o dólar valorizado impulsionou o produtor ainda mais para o mercado externo e fez com que os preços crescessem até meados de janeiro, quando começaram a entrar grãos da safra 2015/16 no mercado, pressionando os preços para baixo. Essa tendência de decréscimo dos preços deve permanecer, haja vista que a colheita tem caminhado para a reta final no Estado. Até o momento estima-se que cerca de 70% da soja produzida no Estado tenha sido colhida.

O aumento observado nos preços do milho e a redução nos preços da soja nos últimos meses provocaram uma mudança no comportamento da curva de equivalência de preços dos dois grãos. Desde 2002, essa relação tem sido favorável ao sojicultor, com algumas oscilações pontuais. No entanto, desde janeiro de 2016 essa relação mudou e o produtor de milho se viu favorecido. A relação de preços tem explicado o avanço das áreas de soja sobre as áreas de milho em Santa Catarina nos últimos anos. Salienta-se que, apesar da situação se apresentar favorável ao produtor de milho, a tendência é que a entrada do grão proveniente da colheita da safra 2015/16 exerça pressão baixista sobre os preços do milho, de modo que o preço do grão não tende a permanecer valorizado por muito mais tempo. Além disso, a soja é um produto de maior liquidez no mercado e os ganhos pontuais com milho não são um argumento forte o suficiente para reverter o quadro de substituição das áreas de milho por soja. O que é possível notar é que, vislumbrando a atual oportunidade de ganhos com a produção de milho, alguns produtores optem por produzi-lo no próximo ano-safra e a substituição de áreas por soja se dê de forma menos intensa do que o observado nos últimos anos.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Equivalência de preços dos grãos em Santa Catarina – jan./2013 a mar./2016



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina - 2012 a 2016

As exportações de soja em Santa Catarina, nos últimos meses, também foram mais expressivas em relação à média dos últimos quatro anos. No acumulado de janeiro a março, a atratividade do mercado externo fez com que as exportações catarinenses fossem cerca de 128% maiores que a média desses três meses de 2012 a 2015.

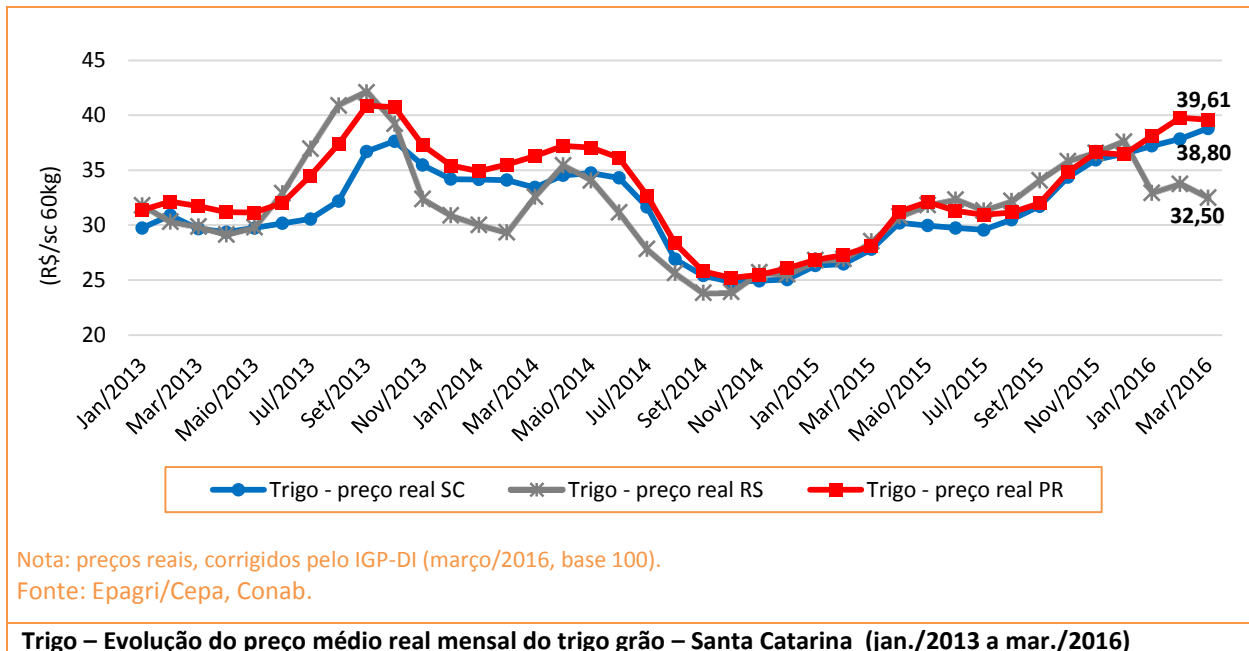
O maior volume das exportações ocorre entre abril e julho, o que indica que este ano as exportações totais ultrapassarão a média histórica dos últimos anos. Caso essa tendência de aumento das exportações persista, poderá haver reflexos no mercado interno, com aumento dos preços internos provocados pela redução da oferta do grão.

Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16									
Microrregião	Safra 2014/15			Safra 2015/16 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	598.373	1.945.961	3.252	633.245	2.093.227	3.306	5,83	7,57	1,64
Canoinhas	127.300	441.338	3.467	133.320	462.954	3.473	4,73	4,90	0,16
Xanxerê	132.635	396.740	2.991	132.635	396.740	2.991	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	88.301	320.788	3.633	96.405	369.696	3.835	9,18	15,25	5,56
Chapecó	84.610	240.875	2.847	84.640	240.992	2.847	0,04	0,05	0,01
Campos de Lages	53.900	176.500	3.275	60.430	201.440	3.333	12,12	14,13	1,80
Joaçaba	53.671	190.996	3.559	58.265	213.432	3.663	8,56	11,75	2,94
São Miguel do Oeste	37.220	111.682	3.001	44.110	131.773	2.987	18,51	17,99	-0,44
São Bento do Sul	9.800	32.340	3.300	10.400	34.320	3.300	6,12	6,12	0,00
Ituporanga	5.750	18.930	3.292	6.350	21.045	3.314	10,43	11,17	0,67
Rio do Sul	1.871	5.759	3.078	3.375	10.821	3.206	80,38	87,90	4,16
Concórdia	3.315	10.014	3.021	3.315	10.014	3.021	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



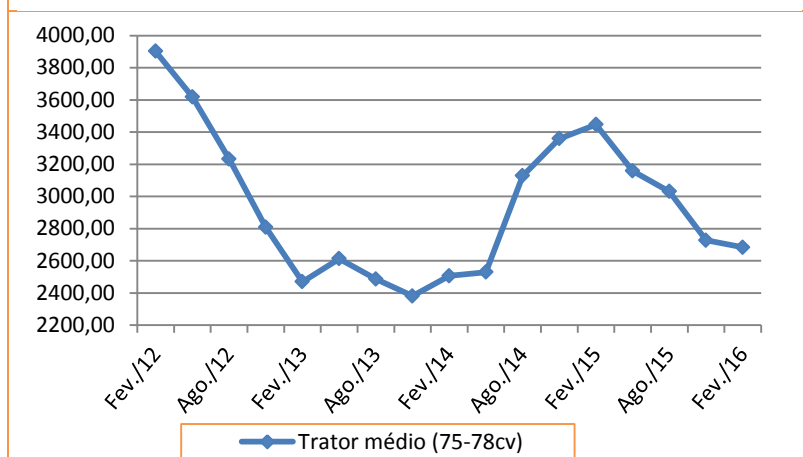
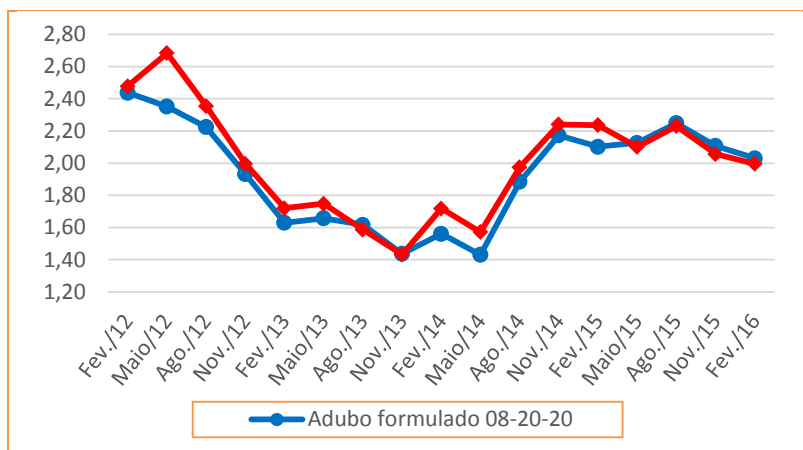
Os preços médios reais para Santa Catarina se mantiveram firmes no último mês, desde a colheita, que no Estado inicia em outubro e vai até março de 2016. O preço pago ao produtor teve aumento de 8,36%, passando de R\$35,88 para R\$38,80/saca de 60kg. Se compararmos com o Preço Mínimo de Garantia do governo federal (R\$34,98) o aumento foi de 10,92%. A baixa disponibilidade de produto de boa qualidade no mercado interno fez com que os preços se mantivessem elevados e é bem provável que o alta nos preços do milho, também tenha puxado o preço do trigo, uma vez que o cereal também é componente de ração animal. Apesar dos bons preços praticados, os produtores estão cautelosos na definição das áreas a serem cultivadas para a safra 2016/2017. As incertezas sobre o clima e os elevados custos de produção são os principais fatores que dificultam os prognósticos de área a ser plantada na próxima safra. No Paraná e no Rio Grande do Sul, os prognósticos apontam para uma redução na áreas a ser cultivadas. Particularmente, na região Noroeste Paranaense, a alta nos preços do milho fez com que alguns produtores apostassem numa segunda safra de milho em substituição à de trigo.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2015/16 – R\$/saca de 60kg

Estado	Fevereiro/2016	Março/2016	Varição (%)
Santa Catarina	38,00	38,80	2,10
Rio Grande do Sul	33,91	32,50	-4,16
Paraná	38,96	39,61	1,69

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

No comparativo dos preços médios praticados no mês de fevereiro e março de 2016, entre os três principais estados produtores, é possível observar que em Santa Catarina o preço nominal pago ao produtor pela saca de 60kg teve alta de 2,10%. Já no Rio Grande do Sul, a queda foi de 4,16%, e no Paraná, alta de 1,69%.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo grão – Equivalência de preços entre o trigo grão e os principais insumos (fev./2012 a fev./2016)

Com os preços ao produtor em média 30% superiores aos preços praticados na safra passada, a variação na relação de troca entre o trigo e os principais insumos tem se mostrado timidamente mais favorável aos produtores, quando comparada ao mesmo período do ano passado. Em agosto de 2015, para adquirir uma saca de 50kg de ureia o produtor necessitava desembolsar o valor equivalente a 2,23 sacas de 60kg de trigo, em fevereiro de 2016, a relação de troca foi de 2,03 sacas de trigo para cada saca de ureia.

Com relação a tratores, tomando como base um trator médio (75 a 78cv), em agosto de 2015, seria necessário 2.726,96 sacas de 60kg de trigo grão; já em fevereiro de 2016, para adquirir o mesmo trator, o produtor necessitaria desembolsar o equivalente a 2.683,69 sacas de 60kg de trigo grão.

Trigo Grão – Comparativo de safra 2014/15 e 2015/16

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30,00	54,00	1.800,00	30,00	54,00	1.800,00	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	1.600,00	4.520,00	2.825,00	1.600,00	4.680,00	2.925,00	0,00	3,54	3,54
Canoinhas	19.450,00	61.766,00	3.175,63	17.380,00	26.874,00	1.546,26	-10,64	-56,49	-51,31
Chapecó	19.495,00	52.075,00	2.671,20	18.300,00	41.504,10	2.267,98	-6,13	-20,30	-15,09
Concórdia	656,00	1.715,50	2.615,09	768,40	2.030,60	2.642,63	17,13	18,37	1,05
Curitibanos	13.375,00	46.644,00	3.487,40	11.375,00	25.080,00	2.204,84	-14,95	-46,23	-36,78
Ituporanga	1.520,00	3.261,00	2.145,39	1.655,00	876,00	529,31	8,88	-73,14	-75,33
Joaçaba	6.465,00	21.858,00	3.380,97	6.505,00	14.148,00	2.174,94	0,62	-35,27	-35,67
Rio do Sul	494,00	1.022,00	2.068,83	630,00	659,00	1.046,03	27,53	-35,52	-49,44
São Bento do Sul	200,00	621,00	3.105,00	220,00	396,00	1.800,00	10,00	-36,23	-42,03
São Miguel do Oeste	6.780,00	16.405,00	2.419,62	5.930,00	9.073,15	1.530,04	-12,54	-44,69	-36,77
Tabuleiro	48,00	96,00	2.000,00	40,00	5,00	125,00	-16,67	-94,79	-93,75
Xanxerê	24.545,00	83.281,00	3.392,99	15.645,00	42.098,00	2.690,83	-36,26	-49,45	-20,69
Santa Catarina	94.658,00	293.318,50	3.098,72	88.078,00	165.783,85	1.882,24	-6,95	-43,48	-39,26

Fonte: Epagri/Cepa (mar./2016 - estimativa final)

Com a safra 2015/16 encerrada, estamos divulgando os números finais para a cultura do trigo na safra. Esses dados, apesar de diferirem dos números levantados pelo IBGE, refletem o desempenho anormal dessa safra. No comparativo da safra 2014/2015 com a safra 2015/2016, houve uma redução em área na ordem de 18%, redução na produção de aproximadamente 43% e rendimento médio reduzido em cerca de 30%. Os motivos dessa significativa redução nos parâmetros levantados já são conhecidos: as condições climáticas desfavoráveis tiveram grande destaque nas safras de inverno e a cultura do trigo foi uma das mais atingidas. Em praticamente todo ciclo da cultura ocorreram eventos extremos. Granizo e geadas num primeiro momento danificaram as plantas. Em seguida, o excesso de chuvas e a falta de luminosidade permitiram a ocorrência de doenças que, mesmo com a intensificação dos tratamentos fitossanitários, também prejudicados pelas chuvas, não foram suficientes para recuperar a sanidade das lavouras. Por fim, o excesso de chuvas prejudicou a entrada de máquinas nas áreas de cultivo, alongando o período de exposição das plantas a essas condições climáticas adversas. O resultado foi uma produção de baixíssima qualidade de grãos, sendo boa parte destinada à ração animal. A expectativa é que, com a entrada do fenômeno La Niña, mais para o final do ano, tenhamos um período com chuvas mais bem distribuídas, sobretudo na fase final do ciclo da cultura.

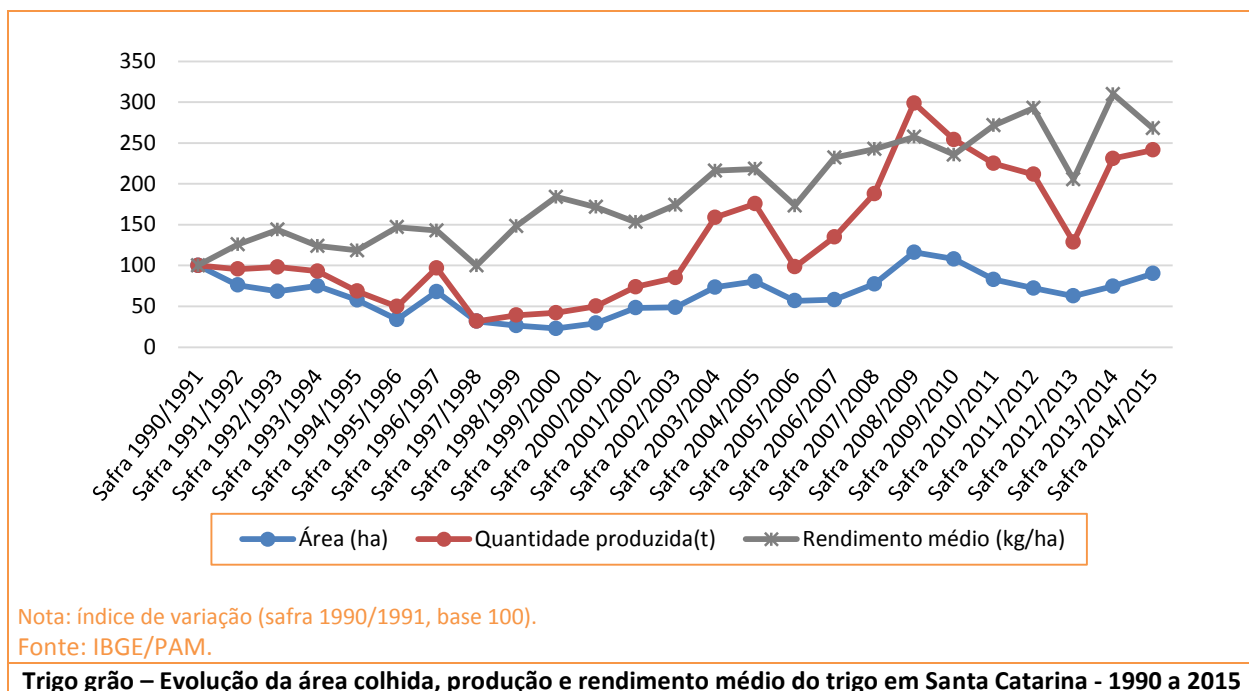
Trigo Grão – Calendário de plantio e colheita – região e estados produtores

Região/Estados produtores		Primavera			Verão			Outono			Inverno		
		Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro Oeste	MS							P	P			C	C
	GO							P	P	P	C	C	C
	DF							P	P	P		C	C
Sudeste	MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
	SP							P	P			C	C
Sul	PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
	SC	C	C	C					P	P	P	P	
	RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P – Plantio; C – Colheita; P/C – Plantio e Colheita

Fonte: Epagri/Cepa, Conab

Com relação ao calendário agrícola, em Santa Catarina, o plantio se inicia em maio na região de São Miguel do Oeste. Nas demais regiões produtoras do Estado ocorre entre junho e julho. Para a próxima safra, as estimativas iniciais serão levantadas no mês de maio. Para os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, estima-se uma redução na área plantada de 10% e 15%, respectivamente. Contudo, a mesma consultoria estima que haverá aumento de produção na ordem de 36% para o Rio Grande do Sul e de 2,2% para o Paraná. Esses números são preliminares e estão sujeitos a variação no decorrer dos próximos meses.



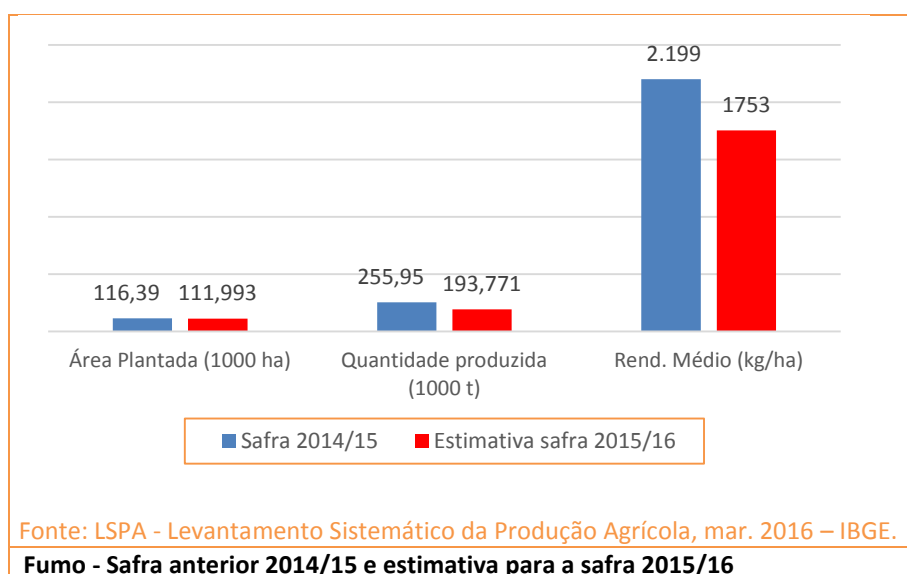
Ao analisar o índice de variação da área colhida, produção e rendimento médio para a cultura do trigo em Santa Catarina, nos últimos vinte e cinco anos, pode-se observar que o rendimento médio se comporta de forma crescente, aspecto que pode ser atribuído ao cultivo de variedades mais produtivas e ao aumento na utilização de insumos. Quanto a área cultivada, o que se observa é que praticamente não ocorreu aumento ao longo desse 25 anos, pelo contrário, houve uma redução na área cultivada em praticamente todas as safras, quando comparadas à safra 1990/1991. Já na produção, o que se observa no gráfico é uma grande oscilação ao longo desse período de análise, aspecto que pode ser atribuído à variabilidade climática ocorrida ao longo desse anos, já que se trata de uma cultura que é fortemente impactada pela ação do clima, o que repercute diretamente na produção. Dessa forma, em anos de clima favorável, teremos boas safras; caso contrário, a produção é reduzida significativamente.

Produtos vegetais

Fumo

Luis Augusto Araujo
Eng. Agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa
laraujo@epagri.sc.gov.br

Na safra 2015/16, a Região Sul do Brasil passou por um período inicial de adequação entre a oferta e a demanda internacional do produto e, na sequência, sofreu com o excesso de chuvas e a ocorrência de granizo. A safra atual no sul do Brasil deve ter redução de 21,8 % na produção, atingindo aproximadamente 669.379 toneladas, conforme estimativa do IBGE, de março de 2016. A redução do plantio e da produção ocorreu por orientação das próprias entidades representativas dos produtores.



A produção catarinense

Em Santa Catarina, a redução da área plantada ocorreu numa intensidade de 3,8 %, em relação à safra 2014/15. A expectativa de rendimento atual de 1.753 kg/ha, representa uma queda mais intensa de 16,6% em relação à safra 2014/15. O excesso de chuvas registradas nos meses de setembro e outubro e a ocorrência de granizo em áreas produtoras explicam parte significativa da redução do rendimento do fumo.

Em decorrência desses fatos, a produção esperada para a safra de fumo corrente apresentou uma queda de 24,3% em relação à safra anterior. Essa redução percentual da produção tem a contribuição das principais regiões produtoras de fumo em Santa Catarina, as regiões de Canoinhas, de Rio do Sul e de Ituporanga, que juntas contribuem com 61% da produção total catarinense e apresentam redução média de 26,6%.

Nas principais microrregiões de fumo catarinense, Canoinhas, Rio do Sul e Ituporanga, projeta-se, para 2015/16, produção e rendimento menores do que aqueles obtidos na safra anterior. Nessas praças, segundo as últimas estimativas, espera-se a produção de 118.703 toneladas, do total de 193.771 toneladas de fumo para Santa Catarina.

Área plantada, quantidade produzida e rendimento obtido na safra 2014/15 e estimativa para a safra 2015/16, por Microrregião de Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15			Safra 2015/16		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)
Santa Catarina	118.059	260.513	2.207	111.993	193.771	1.753
Araranguá	9.429	18.961	2.011	8.350	12.770	1.529
Blumenau	611	1.373	2.247	581	1.292	2.224
Campos de Lages	1.116	2.224	1.993	1.063	2.111	1.986
Canoinhas	36.515	87.842	2.406	36.360	63.813	1.782
Chapecó	6.847	13.461	1.966	6.016	10.375	1.725
Concórdia	221	394	1.781	152	258	1.697
Criciúma	6.345	13.618	2.146	5.504	10.624	1.930
Curitibanos	640	1.129	1.764	543	1.050	1.934
Ituporanga	13.150	29.778	2.264	12.850	21.906	1.732
Joaçaba	917	1.399	1.526	871	1.359	1.560
Rio do Sul	19.887	44.666	2.246	19.922	32.984	1.698
São Bento do Sul	1.010	2.323	2.300	937	1.240	1.653
São Miguel do Oeste	7.125	13.652	1.916	5.675	9.478	1.670
Tabuleiro	1.369	2486	1816	1.009	1.825	1.809
Tijucas	2.923	6.323	2.163	2.840	4.499	1.584
Tubarão	8.670	18.367	2.118	8.395	16.273	1.938
Xanxerê	1.284	2.517	1.960	925	1.914	2.069

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) – mar. 2016 – IBGE.

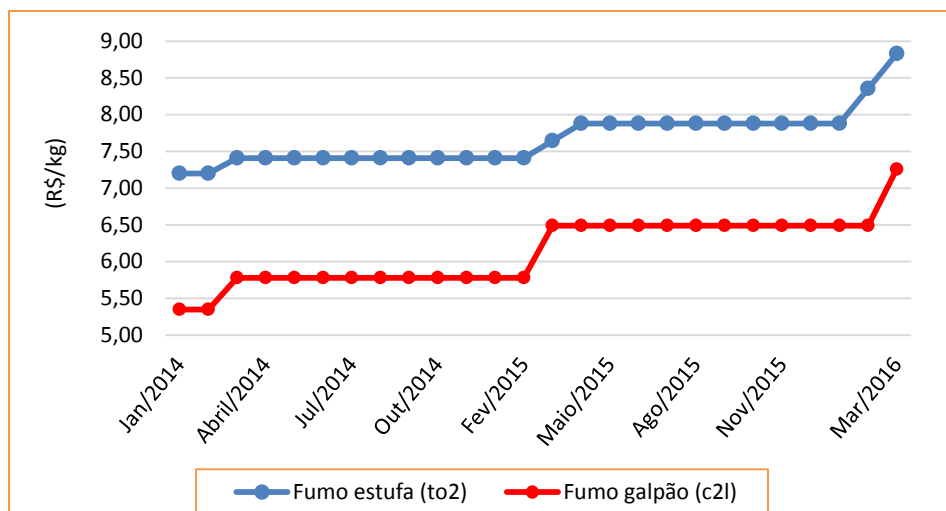
O peso nas exportações catarinenses e o preço do fumo

Em 2016, de janeiro a março, a balança comercial catarinense foi deficitária em US\$ 0,73 bilhões. A redução do déficit da balança comercial catarinense em 2016 é explicada pela redução das exportações em 9,92% e pela redução mais intensa das importações, em 40,46%, no mesmo período.

Acompanhando a tendência observada para a economia catarinense, o valor total exportado de produtos do fumo, de janeiro a março de 2016, foi US\$ FOB 96,59 milhões, enquanto que em 2015 foi US\$ FOB 113,18 milhões. Nesse período, de janeiro a março de 2016 até o momento, a queda observada para os produtos do fumo foi 14,66%, representam 6,08% das receitas externas catarinenses.

Para o fumicultor catarinense, o preço é uma variável importante que influencia diretamente o resultado econômico da safra. Foram duas rodadas de negociação para definir a tabela de preços do tabaco no final de 2015 e, uma terceira, realizada no mês de fevereiro de 2016. As três rodadas não lograram êxito no sentido de firmar acordo.

No primeiro mês de 2016, as empresas fumageiras abriram o período de compra da safra de tabaco no sul do Brasil com preços até 12% acima da tabela praticada no ano passado. A evolução do preço médio recebido pelo produtor, de janeiro de 2014 a março de 2016, é apresentada na figura abaixo.



Fonte: Epagri/Cepa.

Fumo – Evolução do preço médio mensal em Santa Catarina - Jan./2014 a Mar./2016

Para o presidente da Afubra, Benício Albano Werner, a qualidade do tabaco é superior à qualidade da safra passada e dado à menor oferta da safra atual, permitiu a elevação dos ganhos com a comercialização, que deverá subir ainda um pouco mais até o final da safra.

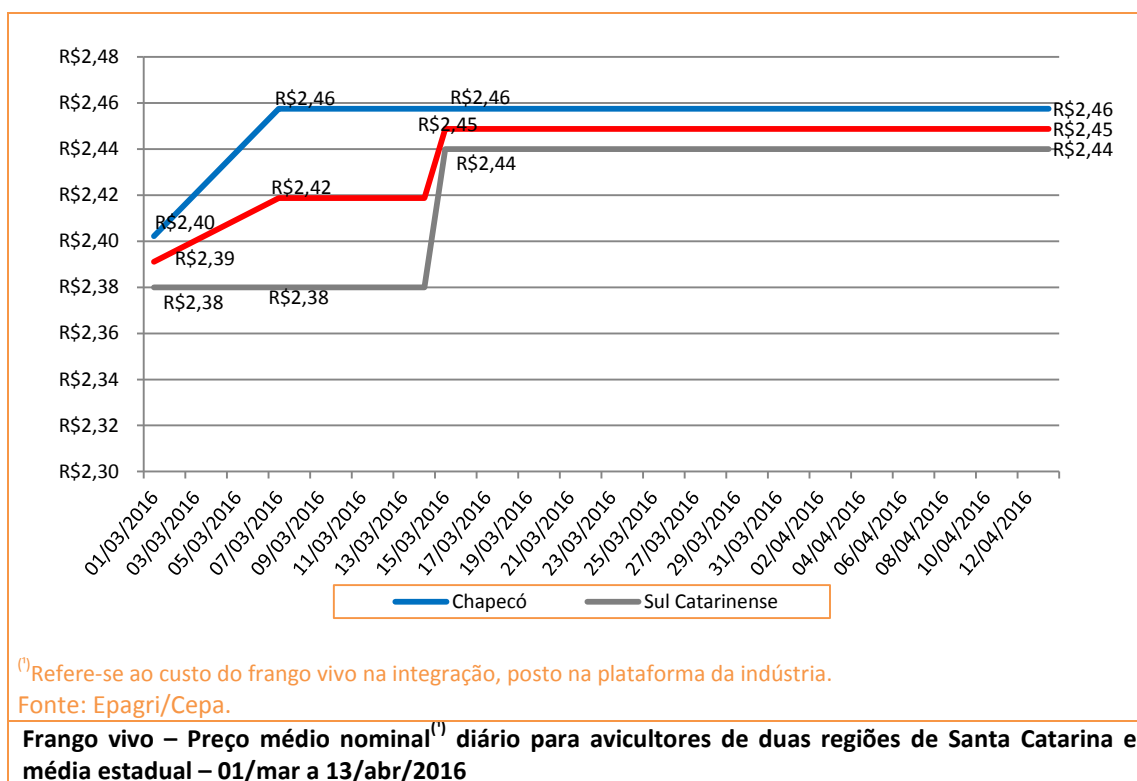
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

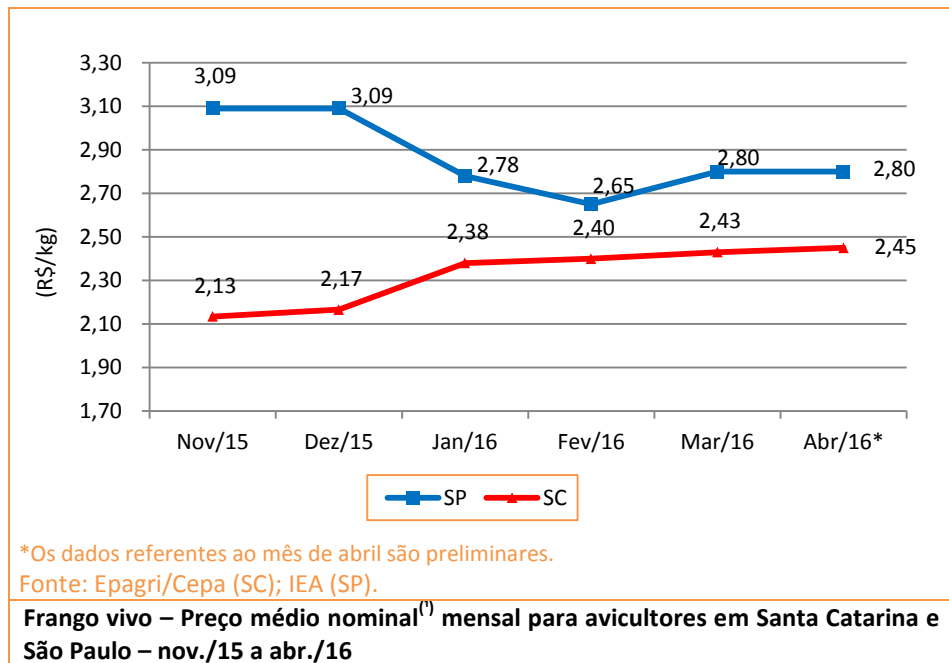
Durante o mês de março e a primeira quinzena de abril, o preço do frango vivo em Santa Catarina teve um aumento médio de 2,41%. Diferentemente do que aconteceu na análise anterior (que abrangeu o mês de fevereiro e início de março), quando grande parte do incremento se deveu à praça de Chapecó, no período ora analisado registra-se aumento nas duas praças. Em Chapecó, o valor passou de R\$2,40 no início de março para R\$2,46 em meados de abril, o que representa uma elevação de 2,30%. No Sul Catarinense, por sua vez, o valor passou de R\$2,38 para R\$2,44, o que representa uma elevação de 2,52%.

É interessante observar que toda essa variação ocorreu durante a primeira quinzena de março. No restante do mês e na primeira quinzena de abril o mercado do frango vivo se manteve estável, sem variação em nenhuma das regiões analisadas.



Ao analisar o comportamento dos preços pagos aos produtores em São Paulo, percebe-se que após a recuperação observada no período fevereiro/março, os preços registrados durante a primeira quinzena de abril mantiveram-se estáveis, conforme dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA/SP). Aliás, ao se observar os dados de evolução diária dos preços do frango naquele estado, percebe-se que o patamar de R\$ 2,80/kg foi atingido na segunda quinzena de fevereiro. Durante todo o mês de março e início de abril não houve variação.

Em Santa Catarina, a variação no período foi de 0,82% (média de março e a média da primeira quinzena de abril). Quando se compara o preço pago em abril de 2015 aos valores atuais, observa-se uma variação positiva de 17,88% em Santa Catarina e 21,74% em São Paulo.

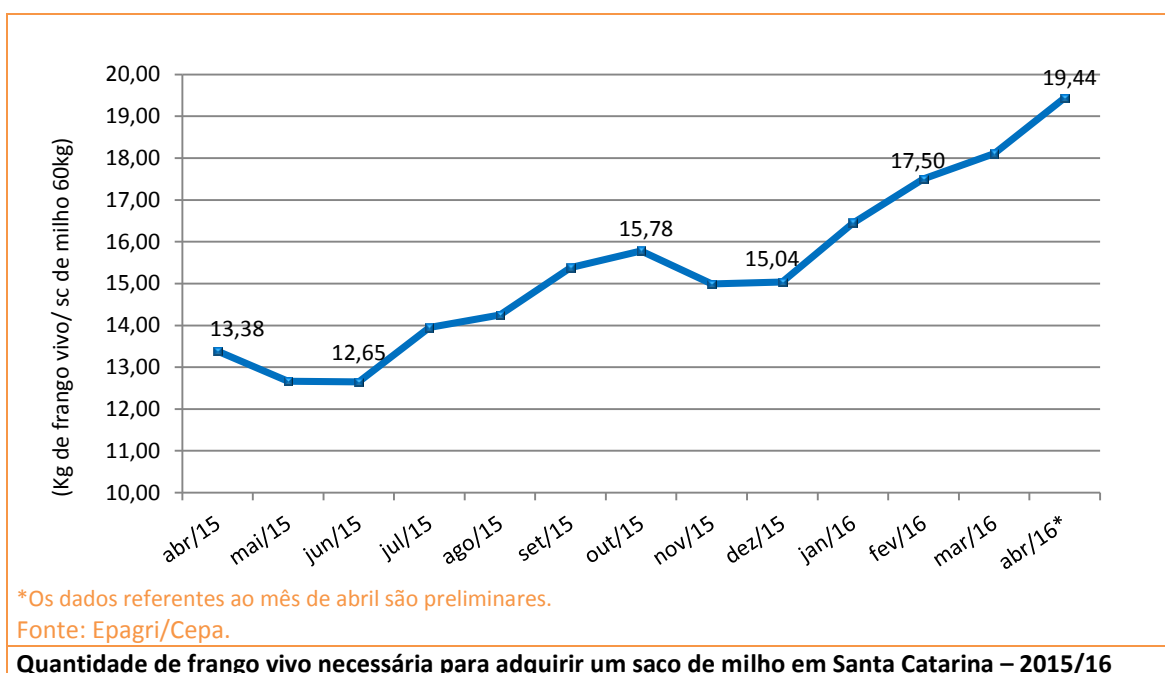


No que diz respeito à equivalência insumo/produto do frango, os preços preliminares de abril indicam a manutenção da tendência de elevação que vem sendo observada desde junho de 2015 (interrompida no período de outubro a dezembro), conforme apresentado no gráfico seguinte.

Levando-se em consideração os preços médios do frango vivo ao produtor (média estadual) e do milho no atacado (tomando-se como referência a praça de Chapecó) registrados na primeira quinzena de abril, a relação de equivalência atingiu o patamar de 19,44 kg de frango vivo/saco de milho. Ressalta-se que os preços adotados como referência para o presente mês são preliminares, podendo sofrer alterações no decorrer da segunda quinzena.

Quando se compara os valores atuais ao mesmo período do ano passado, é possível perceber uma elevação de 45,26% na equivalência insumo/produto. Ao analisar apenas o ano de 2016, observa-se que o aumento desse indicador acumulado no período é de 26,61%. Na comparação entre o valor registrado em março do corrente ano e os dados preliminares de abril, observa-se uma elevação de aproximadamente 7% na equivalência, provocada pelo preço do milho que continua com tendência de alta.

No final de fevereiro e início de março, alguns analistas apontavam uma provável estabilização nos preços do milho a partir daquele período. Contudo, estimativas divulgadas pela Conab no dia 7 de abril relatam uma redução de 8,5% na previsão da 1ª primeira safra (em relação ao ano agrícola 2014/2015). Embora essa redução deva ser compensada pelo aumento de 4,7% na segunda safra (estima-se que a produção atinja 84,7 milhões de toneladas, igual à safra anterior), a menor oferta de milho no início do primeiro semestre, aliada às exportações que seguem em alta, tendem a continuar pressionando os preços.



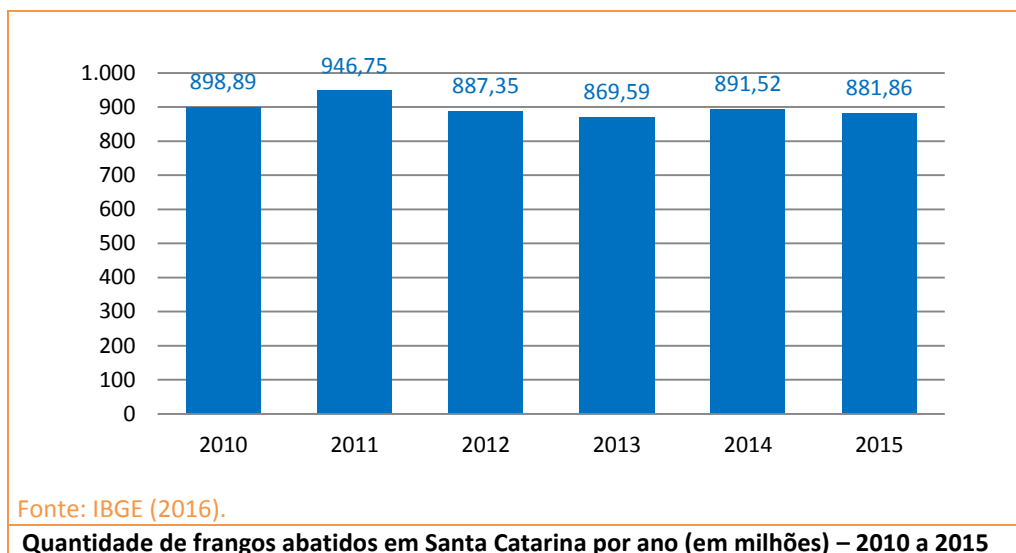
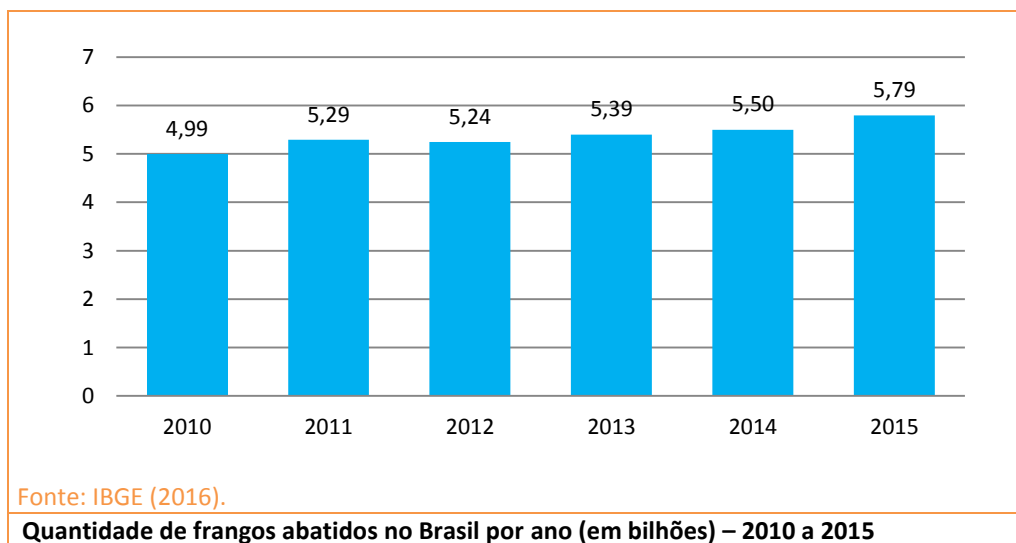
Com raras exceções, os preços do frango vivo têm se mantido estáveis na maioria dos estados produtores. Embora haja pressão dos produtores para que os preços sejam reajustados em decorrência do aumento dos custos de produção, a demanda enfraquecida no mercado doméstico dificulta qualquer repasse de preço ao consumidor. De acordo com o boletim do Centro de Estudos Avançados em Economia Agrícola (Cepea – ESALQ/USP), as dificuldades pelas quais passa a economia brasileira têm afetado diretamente o consumo de todas as proteínas de origem animal, inclusive a carne de frango (mesmo com preço médio do frango mais baixo em relação às demais carnes).

O que tem minimizado o impacto no setor são as exportações que continuam em alta, ajudando com isso a reduzir a oferta de produto no mercado interno. No mês de março foram exportadas 403,4 mil toneladas de carne de frango, considerando todos os produtos (in natura, salgados, embutidos e processados). Esse volume é 15,6% superior ao mesmo período de 2015.

Na última semana de março o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao último trimestre de 2015 das principais espécies animais criadas no País. Com tais informações, é possível calcular o comportamento desse setor durante o ano passado.

No caso do frango, observa-se que o Brasil segue com a tendência de crescimento dos anos anteriores, ou seja, uma variação de 5,42% na quantidade abatida em relação à 2014, atingindo a marca de 5,79 bilhões de aves abatidas.

Já Santa Catarina registra uma pequena retração, com um volume de abate 1,08% menor que no ano anterior. Ao analisar os dados catarinenses posteriores a 2010, observa-se uma relativa estabilidade durante esta década. Contudo, a variação acumulada no período foi de -1,51%. Apesar da redução na participação do Estado no cenário nacional, Santa Catarina continua sendo o segundo maior produtor de frangos do País.

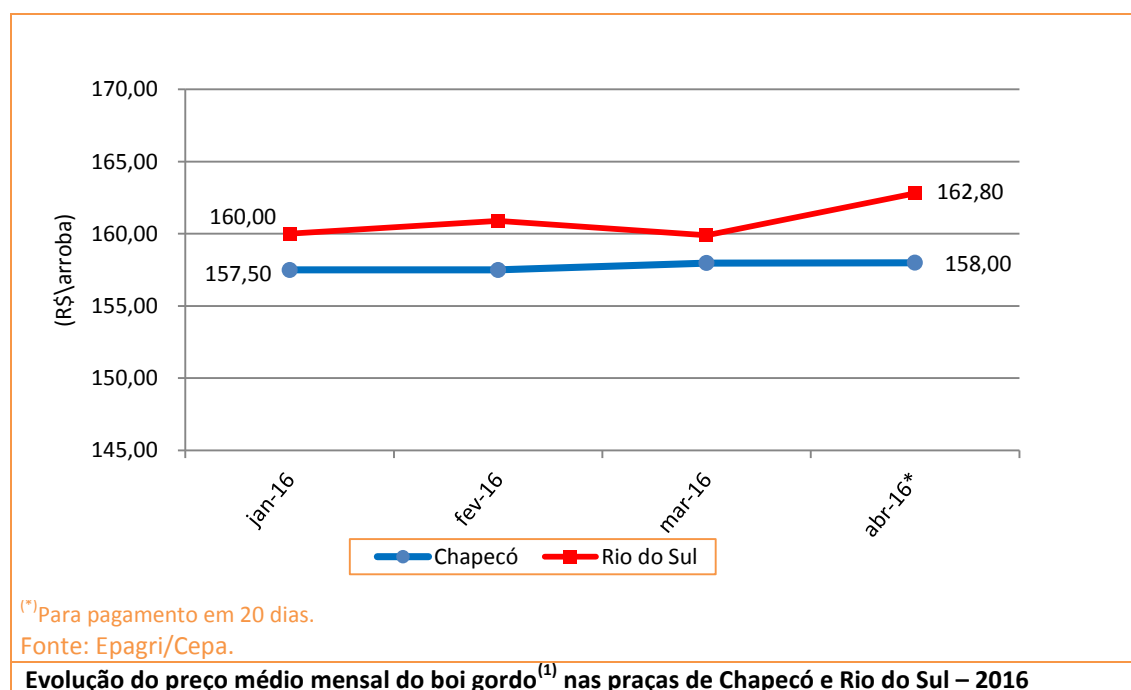


Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br

Acompanhando o cenário nacional, o preço da arroba do boi gordo tem oscilado pouco durante o ano de 2016 na maioria das praças de Santa Catarina analisadas pela Epagri/Cepa. Conforme é possível verificar no gráfico abaixo, nas praças catarinenses de referência para esse produto há pequenas elevações na comparação entre janeiro e os preços preliminares de abril deste ano. Em Rio do Sul o aumento acumulado no período foi de 1,8%, enquanto em Chapecó esse valor chegou a apenas 0,3%.

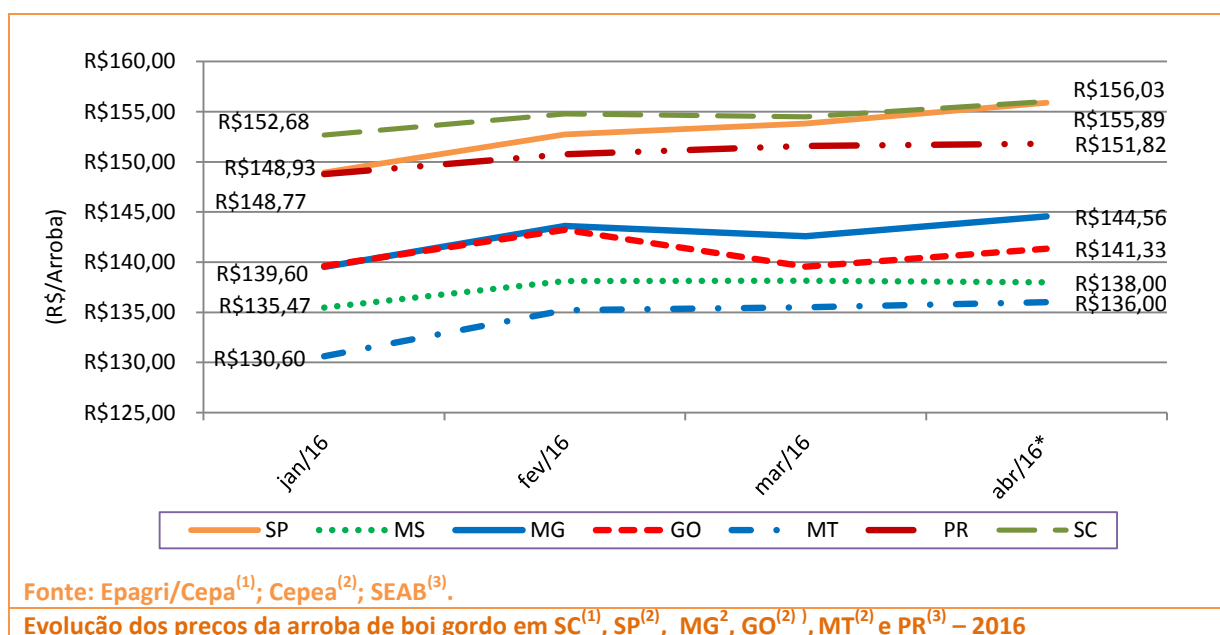
Quando se faz a comparação entre abril do corrente ano e abril de 2015, verificam-se variações de 7,6% e 9,0% para as praças de Rio do Sul e Chapecó, respectivamente.



De forma geral, ao analisar os valores médios pagos pela arroba de boi gordo em Santa Catarina e nos principais estados produtores, percebe-se que em todos eles houve aumento (comparando-se o mês de janeiro com a primeira quinzena de abril), que variou de 1,87% (MS) a 4,67% (SP). Em SC a variação média (incluindo todas as praças pesquisadas) foi de 2,2%.

Chama-se a atenção para o fato de que na maioria dos estados as elevações mais significativas ocorreram nos meses de janeiro e fevereiro. Depois disso, observa-se uma relativa estabilização e, em alguns casos, queda de preço no mês março.

Os dados preliminares de abril demonstram que a maioria dos estados continua registrando movimentos de ascensão nos preços, embora não muito significativos. A exceção é o MS, que até o momento registra uma ligeira redução de 0,1%.



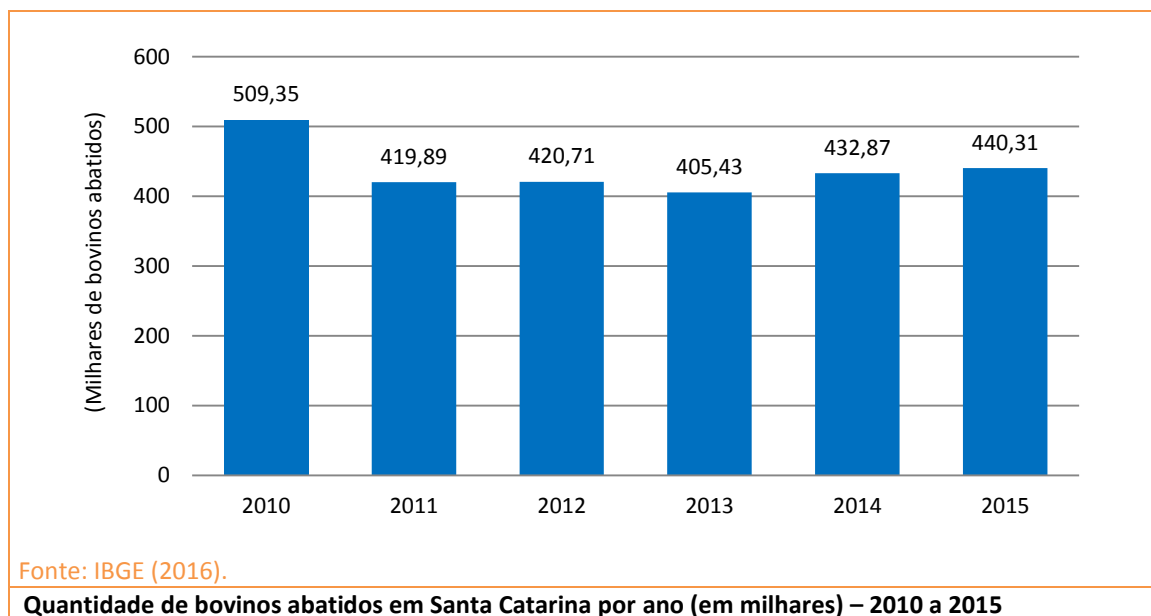
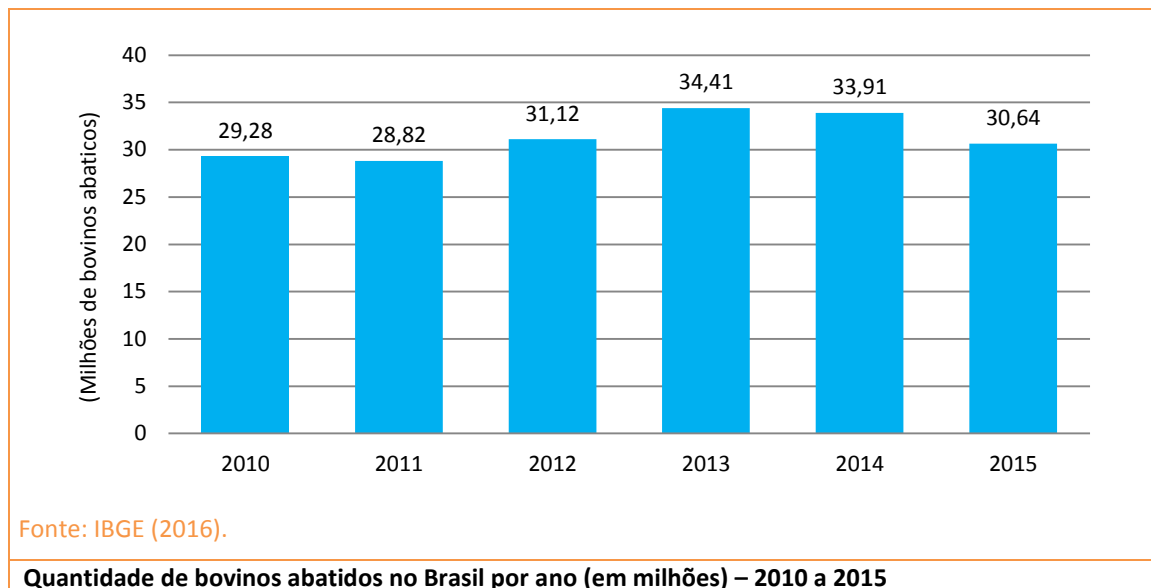
A persistência da baixa disponibilidade de animais prontos para o abate tem sido um dos principais fatores responsáveis pela manutenção dos preços em patamares elevados. Contudo, diferentemente do que havia sido observado no Boletim Agropecuário de fevereiro, o desaquecimento da economia começa a ter reflexos sobre o consumo de carne bovina, o que impede aumentos maiores de preços. Há que se ressaltar ainda que tem havido uma elevação na procura por cortes de menor valor (dianteiros), em detrimento daqueles de maior valor (traseiros). Há que se destacar que, segundo o boletim do Centro de Estudos Avançados em Economia Agrícola (Cepea – ESALQ/USP), a conjuntura econômica atual tem afetado diretamente o consumo de todas as proteínas de origem animal.

Por outro lado, além da baixa disponibilidade de rebanhos para abate, um fator que tem contribuído para a manutenção dos preços são as exportações, que se mantêm em alta. A valorização do dólar frente ao real tem favorecido as exportações de carne bovina, assim como acontece com as demais carnes e com os grãos. Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (SECEX/MDIC), o volume de carne bovina exportada no primeiro trimestre de 2016 foi 24,2% superior em relação ao mesmo período de 2015.

Na última semana de março o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao último trimestre de 2015 das principais espécies animais criadas no país. Com tais informações, é possível avaliar o comportamento desse setor durante o ano passado.

Em relação aos bovinos, após um período de ampliação na quantidade de animais abatidos no Brasil (em especial de 2011 a 2013), em 2015 registrou-se o segundo ano seguido de queda. No ano passado foram abatidos 30,64 milhões de cabeças, o que representa uma redução de 10,95% e 9,63% em relação a 2013 e 2014, respectivamente.

Santa Catarina, por sua vez, tem apresentado situação inversa à nacional nos últimos anos. De 2013 em diante tem sido registrado crescimento no número de animais abatidos no Estado. Em 2015 atingiu-se o patamar de pouco mais de 440 mil bovinos abatidos, o que representa um crescimento de 1,72% em relação a 2014 e 8,61% em relação a 2013. Contudo, não obstante os sinais de recuperação, o volume de abate do ano passado ainda foi 13,55% menor que o registrado em 2010.

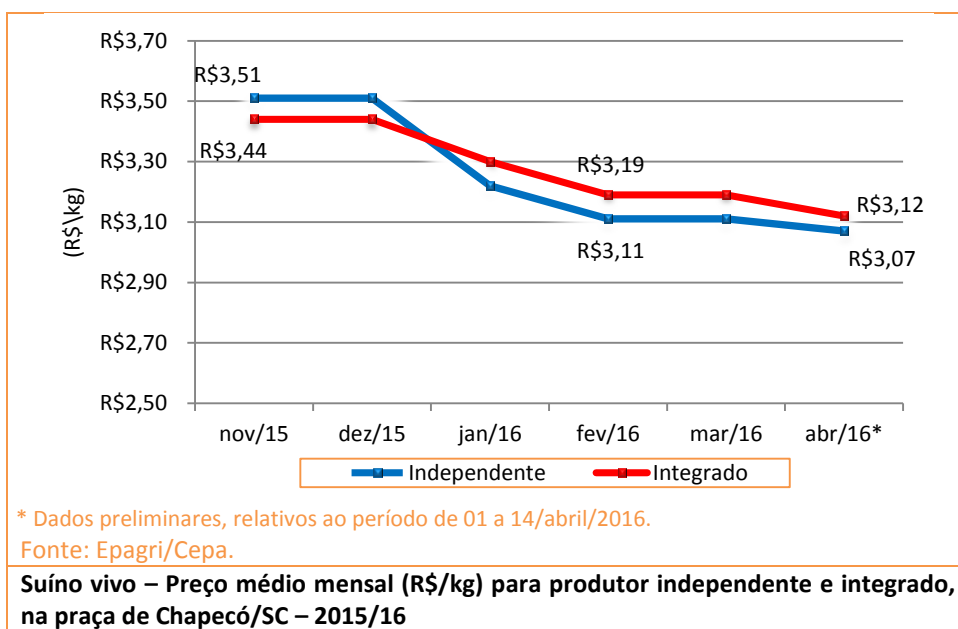


Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br

Após uma estabilização no período de fevereiro a março, o preço do suíno voltou a registrar queda em Santa Catarina no mês de abril. Na comparação com o mês de abril de 2015, a variação média no preço (integrado e independente) foi de -5,35%. A maior queda é observada no preço pago ao produtor independente, que caiu 7,81% no período, enquanto o preço do suíno para o integrado registrou redução de 2,80%.

Alerta-se para o fato de que o mês de abril iniciou com preços estáveis em relação à março. Contudo, partir da segunda semana passou a se observar reduções de preços.



Suíno vivo – Variação do preço pago nos principais estados produtores – 2016

Estado	Jan/2016	Fev/2016	Mar/2016	Abr/2016 ⁽¹⁾	(R\$/kg)	
					Variação (%) mar./abr.	Variação (%) jan./abr.
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,45	-0,5	-17,3
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,90	-1,5	-13,0
Rio Grande do Sul	3,27	2,92	2,90	2,90	-2,2	-11,4
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,10	-1,6	-4,9
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,26	-3,2	-15,6

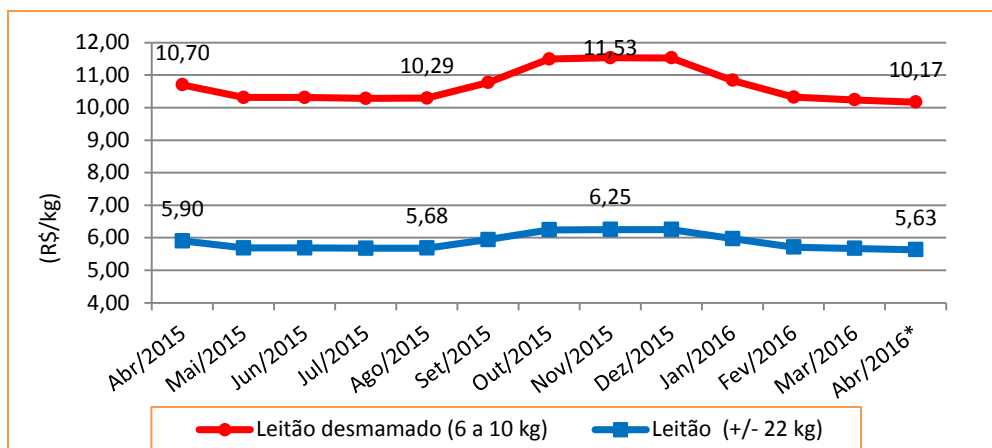
⁽¹⁾ Dados preliminares relativos ao período de 1 a 13 de abril/2016.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP); Epagri/Cepa (SC).

O quadro anterior apresenta um comparativo entre os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores, no período de janeiro a abril do corrente ano. Conforme é possível perceber, assim como já havia acontecido no mês de março, em todos os estados foram registradas quedas. Na média dos cinco estados, a variação foi de -1,79% na comparação entre março e os valores preliminares de abril. A queda mais acentuada ocorreu em São Paulo, com -3,2% no período.

A comparação entre janeiro e abril do corrente ano demonstra que houve uma queda de 12,43%, na média dos cinco estados. O estado com pior desempenho foi Minas Gerais (-17,3%), seguido de São Paulo (-15,6%). Nesse período, Santa Catarina registrou quedas menos acentuadas (-4,9%), mas ainda assim significativas.

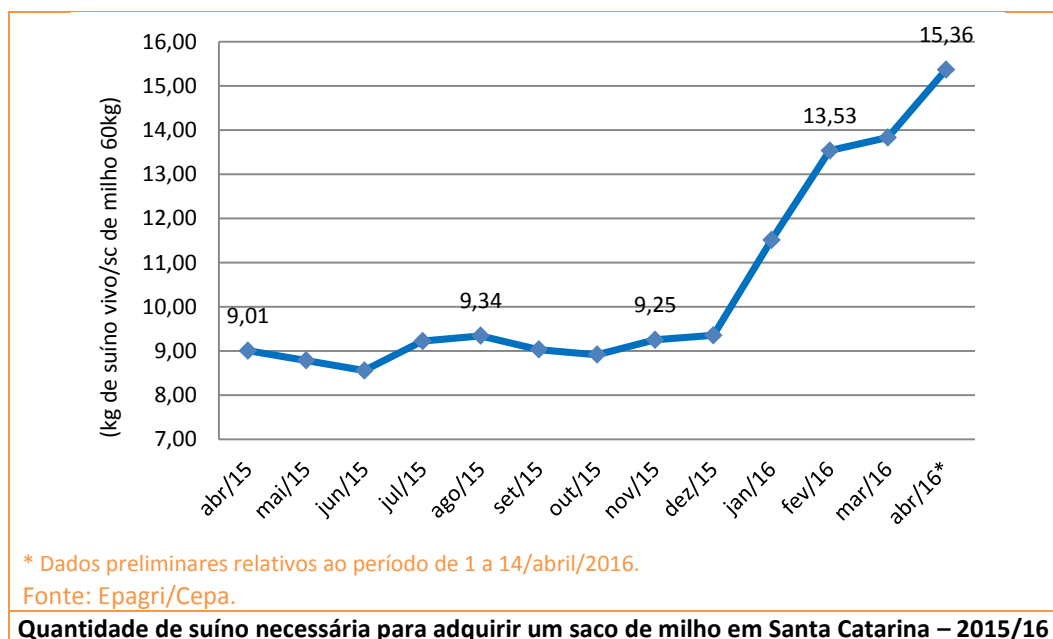


* Dados preliminares, relativos ao período de 1 a 14/abril/2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2015/16

O preço dos leitões também permanece com o movimento de queda observado desde o início deste ano. Os preços atuais encontram-se 4,98% e 4,58% menores que aqueles praticados em abril de 2015 para os leitões de 6-10 kg e de +/-22 kg, respectivamente.



* Dados preliminares relativos ao período de 1 a 14/abril/2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de suíno necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

A equivalência insumo/produto segue o movimento de alta observado desde meados do ano passado, alavancado pelo aumento do preço do milho e, mais recentemente, pela queda no preço do suíno vivo.

Levando-se em consideração os preços médios do suíno vivo ao produtor e do milho no atacado registrados na primeira quinzena de abril na praça de Chapecó, a relação de equivalência atingiu o patamar de 15,36 kg de suíno vivo/saco de milho. Há que se ressaltar que os preços adotados como referência para o presente mês são preliminares, podendo sofrer alterações no decorrer da segunda quinzena. Quando se compara à abril de 2015, a variação registrada é de 70,6% na equivalência insumo/produto aqui analisada.

De acordo com boletim do Cepea, as dificuldades pelas quais passa a economia brasileira têm afetado diretamente o consumo de todas as proteínas de origem animal, prejudicando a demanda pela carne suína e dificultando qualquer elevação de preços ao consumidor.

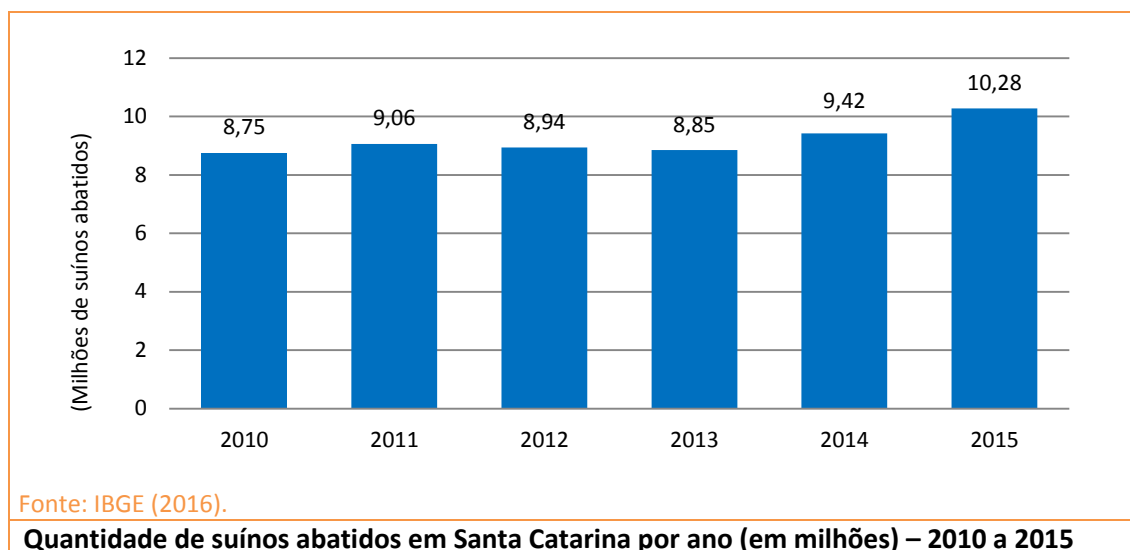
Se por um lado o mercado interno está retraído, por outro as exportações seguem em crescimento. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (SECEX/MDIC), as exportações da carne suína *in natura* no mês de março chegaram a 56,7 mil toneladas, o que representa um aumento de 11,8% em comparação com fevereiro deste ano e 85,1% em relação à março de 2015. Destaca-se nesse contexto a Rússia, que ampliou suas importações de carne suína brasileira em 75%.

Na última semana de março o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao último trimestre de 2015 das principais espécies animais criadas no País. Com tais informações, é possível analisar o comportamento desse setor durante o ano passado.

No caso dos suínos, segue a tendência de crescimento da produção nacional registrada nos anos anteriores, com uma variação de 5,75% na quantidade abatida em relação à 2014, atingindo a marca de 39,26 milhões de animais. Na comparação com 2010, o aumento é expressivo e atinge 20,77%.

Santa Catarina também registrou aumento na produção de carne suína, com um volume de abate 9,05% maior que no ano anterior. Na comparação com os dados de 2010, o aumento é de 17,52%. Tais números ajudam a consolidar a liderança de Santa Catarina no cenário nacional de produção de suínos.





Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Em boletins anteriores já tratamos das limitações sobre informações da atividade leiteira brasileira e que a situação melhora um pouco quando se trata de volume de leite comercializado para as indústrias, já que nesse caso existe tanto a Pesquisa Trimestral do Leite, do IBGE, quanto o Índice de Captação de Leite, do Cepea/Esalq/USP. Mesmo com diferenças metodológicas, não é razoável que essas pesquisas apresentem resultados muito distintos entre si. Nesse sentido, o ano de 2015 foi o mais problemático da história das duas pesquisas. Enquanto a Pesquisa Trimestral do Leite (IBGE) indica redução, o Índice de Captação de Leite (Cepea/Esalq/USP), mostra importante aumento no volume de leite adquirido pelas indústrias dos sete estados (RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC), que em 2015 representaram 85,2% da quantidade de leite adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas.

Não é simples saber a razão dessa diferença, mas considerando as adversidades climáticas, as elevações nos preços de fatores de produção que incidem sobre o custo do leite, o decréscimo nos preços recebidos pelos produtores e o que ocorreu no mercado de lácteos ao longo de 2015, fica mais ou menos evidente que houve decréscimo na quantidade de leite comercializada pelos produtores para as indústrias inspecionadas.

Recentemente, o IBGE divulgou os dados sobre a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias com inspeção em 2015. Em relação a 2014, houve decréscimo de 2,82% para o Brasil e variações bem diferenciadas entre os sete principais estados produtores, que são os utilizados para pesquisa que gera o Índice de Captação de Leite do Cepea/Esalq/USP.

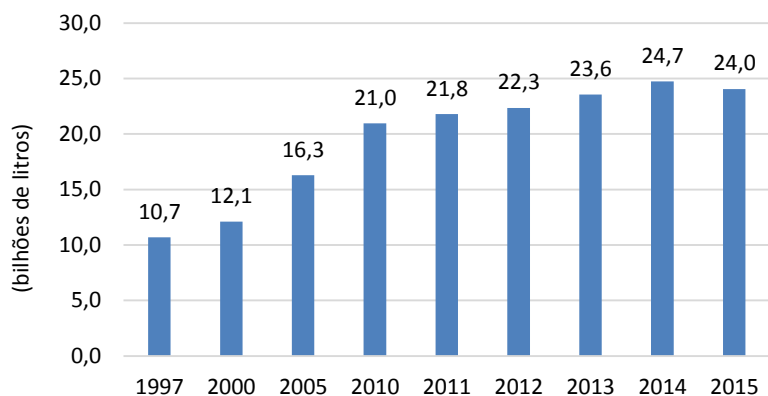
Esse decréscimo contrasta bastante com o que se observou de 2013 para 2014, quando a quantidade adquirida aumentou 5,07% no País. Mesmo com variações percentuais (aliás, isso é o que ocorre desde o final dos anos de 1990) o decréscimo havido de 2014 para 2015 é exceção ao longo de muitos anos na comercialização de leite no Brasil.

Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2013-2015

Estado	(Milhões de litros)			Var. (%)	
	2013	2014	2015	2014/13	2015/14
Minas Gerais	6.171,0	6.589,5	6.439,6	6,78	-2,27
Rio Grande do Sul	3.460,0	3.430,7	3.488,3	-0,84	1,68
Paraná	2.818,3	2.972,1	2.831,2	5,46	-4,74
São Paulo	2.531,5	2.524,8	2.607,2	-0,27	3,26
Goiás	2.445,9	2.685,1	2.449,5	9,78	-8,77
Santa Catarina	2.117,7	2.339,7	2.348,4	10,49	0,37
Bahia	326,5	363,6	332,5	11,36	-8,57
Total dos 7 estados	19.870,9	20.905,6	20.496,7	5,21	-1,96
Partic. dos 7 estados (%)	84,4	84,5	85,2	-	-
Brasil	23.552,8	24.747,0	24.049,8	5,07	-2,82

Os dados relativos a 2015 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

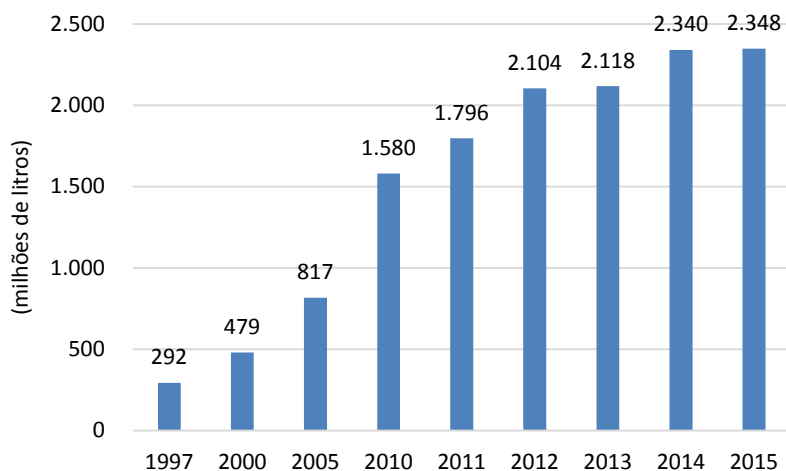


Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do leite.

Brasil - Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 1997/2015

Em relação ao que se observou nos estados (primeira tabela), é importante destacar que a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas não reflete necessariamente o comportamento da produção estadual, já que no Brasil existe um importante mercado interestadual de leite cru que a Pesquisa Trimestral do Leite computa para a indústria/estado de destino e não de origem do leite. Por isso, por exemplo, São Paulo que ocupa a sexta posição em produção aparece na quarta posição em quantidade adquirida.

No caso de Santa Catarina, apesar do pequeno acréscimo (0,37%) na quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas, não é improvável que a produção estadual de 2015 tenha sido inferior à de 2014. Os levantamentos realizados pela Epagri/Cepa, por exemplo, indicam decréscimo de mais de 4,5% na produção recebida pelas indústrias em regiões que representam mais de 50% da produção estadual.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do leite.

Santa Catarina - Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 1997/2015

Desde o último trimestre de 2015, esse quadro de redução de oferta interna tem se refletido em aumentos nos preços de referência do Conleite/SC. Desde outubro de 2015, a cada reunião são observados novos acréscimos nos valores finais/projetados. Na reunião desse mês de abril não foi diferente: o preço final de março (R\$1,0652/litro) ficou acima do que havia sido projetado na reunião anterior (R\$1,0419/litro), bem como o preço projetado para abril (R\$1,1067/litro) são com si-derados novos recordes em termos nominais.

Leite padrão - Preços de referência do Conleite de Santa Catarina - 2013-16

Mês	R\$/litro				Var. %	
	2013	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Jan.	0,7284	0,7389	0,7744	0,9546	4,80	23,27
Fev.	0,7219	0,7655	0,7866	1,0154	2,76	29,09
Mar.	0,7501	0,8379	0,8614	1,0652	2,80	23,66
Abr.	0,7989	0,8764	0,8843	1,1067 ⁽²⁾	0,90	25,15
Mai	0,8301	0,9040	0,8875		-1,83	
Jun.	0,8759	0,9123	0,9347		2,46	
Jul.	0,9058	0,9093	0,9278		2,03	
Ago.	0,9254	0,9097	0,9131		0,37	
Set.	0,9322	0,8978	0,8978		0,00	
Out.	0,8921	0,8308	0,9024		8,62	
Nov.	0,8234	0,7958	0,9308		16,96	
Dez.	0,7709	0,7877	0,9387		19,17	
Média	0,8296	0,8472	0,8866		4,66	

⁽¹⁾ Valor projetado.

Fonte: http://www.senar.com.br/portal/faesc/tabela_valores.php.

Considerando que esses aumentos de valores estão diretamente relacionados aos preços de venda dos derivados lácteos no mercado atacadista, a sua continuidade evidencia que o varejo os tem absorvido sem maiores problemas. Ainda que parte das elevações não cheguem necessariamente aos consumidores, começam questionamentos de que alguns derivados podem estar chegando a valores que tendem a impactar negativamente sobre o consumo/vendas. Mesmo sem considerar essa probabilidade, dada a complexidade da economia brasileira, é difícil especular muito sobre isso.

Outro aspecto destacado é a possibilidade de um crescimento muito significativo das importações, o que foi intensificado pelo aumento que houve entre fevereiro e março. Ainda que esse aumento seja um fato, destaca-se que ele já ocorreu em anos recentes e que, por enquanto, o resultado da balança comercial de lácteos de 2016 está longe de provocar muitas preocupações.

Balança comercial brasileira de lácteos – janeiro/fevereiro e janeiro/março 2011-16

Janeiro a fevereiro	Importação		Exportação		Saldo	
	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$
2011	28.753	100.523	4.214	10.052	-24.538	-90.471
2012	34.371	126.237	4.820	11.897	-29.551	-114.340
2013	23.522	78.528	7.064	16.990	-16.458	-61.538
2014	16.697	70.124	15.149	55.893	-1.548	-14.230
2015	17.158	62.352	6.467	21.890	-10.691	-40.463
2016	15.902	40.437	8.537	27.465	-7.364	-12.972
Janeiro a março	Importação		Exportação		Saldo	
	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$
2011	37.666	133.151	7.573	18.084	-30.092	-115.067
2012	53.250	181.569	8.038	19.766	-45.212	-161.803
2013	35.143	120.728	10.505	25.184	-24.637	-95.544
2014	22.142	93.584	20.824	76.358	-1.318	-17.226
2015	28.957	99.080	13.544	48.913	-15.413	-50.167
2016	32.760	82.606	10.257	27.729	-22.503	-54.877

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.